

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL

PAULA ALMEIDA MORATO DE LAET

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE:
LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA

São Paulo

Julho/2020

PAULA ALMEIDA MORATO DE LAET

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE:
LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação do Profa. Dra. Senira Anie Ferraz Fernandez

São Paulo
Julho/2020

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS

L158e Laet, Paula Almeida Morato de
Educação profissional e formação docente : letramentos e multiletramentos em sala de aula / Paula Almeida Morato de Laet. – São Paulo: CPS, 2020.
79 f. : il.

Orientador (a): Profa. Dra. Senira Anie Ferraz Fernandez
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2020.

1. Educação profissional. 2. Letramentos. 3. Multiletramentos. 4. Formação de professores. 5. Leitura e escrita. I. Fernandez, Senira Anie Ferraz. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. III. Título.

PAULA ALMEIDA MORATO DE LAET

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE:
LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS EM SALA DE AULA

Profa. Dra. Senira Anie Ferraz Fernandez

Profa. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício

Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez

São Paulo, 16 de julho de 2020

Para Henrique e Ana Clara,
para que acreditem em si mesmos, sempre!

AGRADECIMENTOS

Joseph Campbell desenvolveu o conceito da “jornada do herói” que foi explorada por Christopher Vogler em adaptação denominada “jornada do escritor”. Essa jornada roteiriza um modelo de doze passos que os autores entenderam estar contidos nas melhores histórias contadas pela literatura, cinema ou teatro.

Para escrever meus agradecimentos tomo a liberdade de me utilizar da “jornada do herói”, mesmo não me considerando uma heroína de fato, nessa jornada eu realmente fui a protagonista. O início da jornada consiste em retirar o herói da zona de conforto, levando-o a aceitar o chamado para a aventura. No meu caso, eu estava na minha rotina atribulada como mãe, professora, esposa e todos os outros papéis que eu desempenho, quando recebi um chamado à aventura que na época era a candidatura a uma vaga no Mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional. Judith Terreiro me incentivou desde sempre a seguir com os trâmites de todas as fases do processo, torcendo e me incentivando a cada momento dessa candidatura. Minha mãe e minha irmã abraçaram o projeto, me incentivaram em todas as fases antes, durante e depois que a aventura começou. Portanto, as três foram as maiores incentivadoras e torcedoras para que eu aceitasse esse chamado.

Para enfrentar os desafios da jornada, o herói encontra um mentor, que no meu caso é a Professora Senira, pois não só me aceitou nessa jornada como me incentivou a cruzar os próximos limiares. Não foi fácil, pois as provas e obstáculos foram surgindo, se contrapondo e se transformando, mas muitos outros personagens apareceram para me ajudar na busca pelas recompensas.

Nessa jornada, outras pessoas também se destacaram: meu marido também esteve sempre presente, escutando minhas ideias, concordando e me incentivando quando eu achava que não conseguiria dar conta. Minha mãe sempre esteve disponível para mim e para meus filhos, minha irmã sempre me incentivando, revisando e questionando todos meus textos. Minha amiga, Laura também revisora e entusiasta deste projeto. Meus sogros sempre estando a postos para meus filhos. Meu pai e meu irmão que mesmo distantes dessa jornada sempre acreditam em mim. E os meus ilustres pequenos sempre entendendo e se preocupando com o “trabalho grandão” que a mamãe estava fazendo.

Na busca pelos elementos necessários para a elaboração dessa pesquisa, os professores Rodrigo Avella e Rosália Prado trouxeram muitas contribuições necessárias, assertivas e certas para o alinhamento do mundo profissional com o distante mundo das letras, mostrando que existe,

sim, uma intersecção entre essas áreas. A professora Ana Sílvia Moço Aparício, como convidada para a qualificação, abriu possibilidades antes não percebidas por nós. Agradeço muitíssimo por suas intervenções!

Para tomar posse da minha recompensa também precisei de doze amigos professores que se prontificaram a serem entrevistados, colaborando com relatos riquíssimos que proporcionaram toda a análise dos dados, apresentada nas próximas páginas. Por isso, é importante mencionar as duas diretoras que estiveram à frente da ETEC Parque da Juventude no período de 2018 a 2020, as professoras Márcia Loduca e Társia Kirzie Casimiro por sempre me apoiarem e estarem presentes nesse período.

A última etapa da jornada do herói é o cruzamento do terceiro limiar, onde o protagonista vivencia sua ressurreição, é transformado pela experiência, retornando com a benção para benefício do bem comum.

É no momento da entrega dessa pesquisa que chegamos a essa última etapa da jornada. Espero trazer contribuições para o mundo acadêmico, pois sem dúvida esse processo todo me transformou em uma pesquisadora ávida pelo aprimoramento da educação profissional. Sem dúvida alguma, essa é a recompensa maior que essa jornada pode trazer.

*“Minha pobreza tal é
Que não tenho presente melhor:
Trago papel de jornal
Para lhe servir de cobertor;
Cobrindo-se assim de letras
Vai um dia ser doutor.”*

João Cabral de Melo Neto em Morte e Vida Severina (2008)

RESUMO

LAET, P. A. M. **Educação profissional e Formação docente:** letramentos e multiletramentos em sala de aula. 79 [setenta e nove] f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2020.

A tecnologia tem reconstruído as formas de trabalhar e principalmente as formas de ler e escrever, contudo, apesar de todas as mudanças que essas tecnologias proporcionaram, a sociedade ainda é pautada pela comunicação escrita e, cada vez mais, os profissionais necessitam comunicar-se adequadamente nas mais diversas plataformas, inclusive, mesclando textos, vídeos, áudios e outros recursos ao mesmo tempo. Portanto, entender o impacto das habilidades de escrita e leitura em contexto social, ou seja, o letramento, bem como os impactos que as diversas novas formas de ler e escrever estão trazendo para a sociedade, os multiletramentos, é fundamental para estruturar novos processos educacionais, principalmente, no que tange à educação profissional. Assim, a presente pesquisa tem por objetivo investigar como as habilidades de letramentos e multiletramentos são conduzidas pelos professores especialistas do ensino técnico. O método utilizado foi descritivo com abordagem qualitativa, ou seja, a pesquisa bibliográfica contrastada com os dados aferidos por meio de entrevistas com professores de disciplinas técnicas em uma escola de ensino técnico. Os resultados foram obtidos através da análise das gravações eletrônicas das entrevistas em conjunto com as anotações feitas durante essas entrevistas. Ao final desse processo, a pesquisa apontou a necessidade de formação de professores especialistas do ensino técnico para os letramentos e multiletramentos a fim de propiciar uma melhor atuação dos mesmos nos cursos em que lecionam, além da importância de realização de propostas de trabalhos interdisciplinares envolvendo professores da área de linguagem e professores de especializações técnicas.

Palavras-chave: Educação Profissional; Letramentos, Multiletramentos, Formação de Professores; Leitura e Escrita.

ABSTRACT

LAET, P. A. M. **Professional Education and Teacher Training: literacies and multiliteracies in classroom.** 79 [seventy nine pages] f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2020.

Technology has rebuilt the ways of working and especially the ways of reading and writing, however, despite all the changes that these technologies have provided, the society is still guided by written communication and, increasingly, professionals need to communicate properly on the most diverse platforms, including, merging texts, videos, audios and other resources at the same time. Therefore, understanding the impact of writing and reading skills in a social context, in other words, literacy, as well as the impacts that the various new ways of reading and writing are bringing to society, the multiliteracies, is essential to structure new educational processes, mainly, regarding professional education. Thus, this research aims to investigate how literacy and multiliteracies skills are conducted by specialist teachers in technical education. The method used was descriptive with a qualitative approach, that is, the bibliographic research contrasted with the data obtained through interviews with professors of technical subjects in a technical school. The results were obtained through the analysis of the electronic recordings of the interviews together with the notes made during these interviews. At the end of this process, the research pointed out the need for training of specialist teachers of technical education for literacies and multiliteracies in order to provide a better performance of them in the courses in which they teach, in addition to the importance of making proposals for interdisciplinary work involving teachers in the area of language and teachers of technical specializations.

Keywords: Professional Education, Literacy, Multiliteracies, Teacher Training, Reading and Writing.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Escalas de Proficiência do INAF	29
Quadro 2:	Graduação dos Docentes Entrevistados	46

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBO	Catálogos Nacionais de Cursos e a Classificação Brasileira de Ocupações
CAPES/MEC	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior do Ministério da Educação
CEU	Centro de Educação Unificada
ETEC	Escola Técnica
ETIM	Ensino Técnico Integrado ao Médio
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INAF	Índice Nacional de Alfabetismo Funcional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. ENSINO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO	18
3. LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS	25
3.1. Multiletramentos	32
3.2. Multiletramentos na Educação Profissional	34
4. O PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO, OS LETRAMENTOS, OS MULTILETRAMENTOS E O MÉTODOS DE PESQUISA	36
4.1. Método de Pesquisa	41
5. RESULTADOS DA PESQUISA	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
7. REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA	79

1. INTRODUÇÃO

O ensino profissional realizado em escolas técnicas enfrenta muitos desafios, principalmente no que tange à equalização das fraquezas de todos os atores envolvidos nesse processo educacional. Alunos de diversas faixas etárias com bagagens culturais e educacionais também distintas; professores com formações acadêmicas diversas tendo em vista a ampla gama de cursos profissionais disponíveis para formação; gestores preocupados com metas e prazos de várias naturezas já que as escolas que ofertam esse tipo de formação podem ser públicas ou privadas; currículos em constante mutação por conta das exigências cada vez mais cambiantes que o mercado traz e, contraditoriamente, muitas vezes engessados pela legislação educacional, traduzem uma dificuldade para o estabelecimento de uma formação adequada para as possibilidades de atuação dos futuros profissionais que essas escolas estão formando.

Nessa perspectiva é que surgiu a necessidade de desenvolver este estudo, já que a autora desta pesquisa tem formação superior na área administrativa, complementada por licenciatura em língua portuguesa, tendo iniciado na área docente após quinze anos de atuação como secretária. Ao migrar para a sala de aula em escolas técnicas, foi observado um incômodo quando percebeu a enorme dificuldade que muitos alunos possuíam no momento de realizar atividades de leitura e escrita de forma adequada à situação que se propõe cada atividade. Leitura crítica e produção escrita satisfatória que deveriam estar devidamente fundamentadas nessa fase educacional, nem sempre ocorrem adequadamente nas salas de aula do ensino técnico. A preocupação com essa competência de desenvolver leitura que ressignificasse uma produção textual própria para a área de atuação na qual esse aluno está sendo inserido, ultrapassou os muros da escola e deu lugar ao presente estudo.

Como essa problemática possui muitas vertentes de análises (formação de professores, formação de alunos, políticas públicas, políticas de formação leitora, e a lista parece não ter fim), para este estudo foi necessário realizar um recorte para que a operacionalização da pesquisa fosse possível. O recorte escolhido, então, foi o estudo da percepção que professores especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento possuem sobre letramentos e multiletramentos em sala de aula.

Para entender a importância dos multiletramentos em sala de aula, primeiro é preciso definir o que é letramento. Letramento é a capacidade de ler e escrever para atendimento das necessidades sociais do indivíduo (BARTON, 1994), ou seja, uma pessoa que se utiliza da

leitura para busca de informações em jornais diariamente tem um nível de letramento diferente de uma pessoa que usa leitura para atividades rotineiras como pegar um ônibus, ler rótulos de produtos ao fazer compras no supermercado ou interpretar uma receita médica para separar os seus comprimidos. Mesmo que essas atividades sejam atividades da rotina social de um cidadão comum, é importante ressaltar que cada um faz uso delas de acordo com suas próprias necessidades.

Depois da revolução da internet, muitas outras formas de leitura se tornaram necessárias para a rotina das pessoas na sociedade. As possibilidades se estenderam e se estenderão ainda mais como nunca antes visto. As notícias não vêm mais apenas pelos jornais, mas pelas redes sociais em suas mais diversas formas, como Spotify, Facebook, Instagram e Youtube. Os canais parecem se multiplicar em velocidade cada vez mais impressionante e as habilidades para continuar interagindo e entendendo essa movimentação vão se tornando cada vez mais complexas. É nessa vertente que surgem os multiletramentos, pois as pessoas vão necessitar desenvolver habilidades de leitura e escrita diferenciadas para poder participar dessa nova sociedade. Se antes existia um texto fixo e sem interação, nas novas formas de interação, os textos produzidos na internet podem ser modificados e reescritos pelos leitores. Assim, essa movimentação permite novas formas de leitura, dando espaço para um novo participante nesse processo que é o “lautor”, o leitor-autor que interage, modifica e ressignifica o conteúdo que ele está lendo (ROJO, MOURA, 2019).

No campo profissional, essas mudanças são tão ou mais significativas que nas outras formas de interação do indivíduo já que o trabalho evidentemente é uma das mais importantes atuações sociais do indivíduo adulto (BECK, 2011). Os conceitos de letramentos e multiletramentos são largamente trabalhados em cursos de letras que formam professores de língua materna ou estrangeira, mas se estes letramentos estão com suas bases fincadas na atuação social do indivíduo, seria muito interessante verificar se os professores de outras disciplinas têm conhecimento da importância dos mais diversos letramentos, culminando nos multiletramentos para aprimoramento das habilidades desses seus alunos.

Por isso, o objetivo principal desta pesquisa é investigar como as habilidades para os letramentos e multiletramentos são conduzidas por professores especialistas do ensino técnico.

Para atingir esse objetivo principal, os objetivos auxiliares foram: verificar se existem ou não lacunas na formação dos professores de ensino técnico para o uso dos letramentos e multiletramentos e pontuar as deficiências ou qualidades do processo educacional no que tange à concepção de eventos de letramento adequados à melhoria das habilidades de leitura e escrita de seus alunos.

A contratação de professores de ensino técnico se dá porque esses professores provêm das mais diversas áreas do conhecimento e dominam as habilidades que os formados nessas áreas devem possuir (PETEROSSO, MENINO, 2014), portanto, isso os capacita como os mais indicados para entender como suas áreas de atuação se apropriam da leitura e da escrita e quais os melhores suportes para a veiculação dos produtos do conhecimento apropriado em sala de aula e posteriormente na atuação de seus alunos no mercado de trabalho.

Lima (2018) realizou um estudo para entender se o professor de língua portuguesa que atua no ensino técnico conhece os gêneros textuais das áreas técnicas em que conduz o ensino da língua materna neste segmento educacional. Além disso, ele pesquisou quais as dificuldades que esse professor possui quando está em sala de aula considerando as mais diversas áreas em que possa lecionar. Ao final do estudo encontrou muitas lacunas para que este professor consiga atuar adequadamente, uma delas foi a dificuldade que o professor de língua portuguesa possui em localizar por si só ou intercambiar com professores das áreas técnicas textos para atuação em cada uma das áreas em que leciona. Outra dificuldade apontada foi ressignificar a língua portuguesa principalmente no que tange à comunicação de acordo com a norma culta, o que segundo o autor remete à falta de domínio de leitura, interpretação e ressignificação na produção textual.

Os resultados dessa pesquisa trazem à tona a necessidade de relacionamento e entendimento dos professores atuantes em cada curso técnico, sempre visando à formação daquele profissional para que ele tenha condições de atuar oportunamente no mercado de trabalho. Se como visto, os professores de língua materna entendem, como um obstáculo para sua atuação, a dificuldade de leitura, interpretação e escrita de seus alunos, esta pesquisa busca responder o seguinte questionamento: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula?

Para entender o universo da educação profissional relacionado aos estudos de letramentos e multiletramentos foi realizado um levantamento das pesquisas efetuadas nas áreas e foi possível verificar, em julho de 2019, em pesquisa no portal CAPES/MEC baseado no endereço <https://www.periodicos.capes.gov.br/>, apenas 42 artigos contendo os termos “letramento”, “educação profissional”, “educação técnica”, “ensino profissional” ou “ensino técnico”. Dentre os 42 artigos selecionados, 4 artigos estavam duplicados, restando apenas 38 para leitura dos resumos. A partir da leitura dos resumos desses artigos, pôde-se verificar que 28 desses artigos ou não se tratavam de textos que estudavam o letramento ou não estavam relacionados com educação profissional. Após a análise dos artigos supramencionados, não foi

possível localizar nenhum artigo que tratasse sobre a relação entre letramentos e a atuação de professores de áreas técnicas em ensino profissional (LAET et al., 2019).

Em janeiro de 2020, foi realizada a busca pelos termos “multiletramentos” e “educação profissional”, seguindo a metodologia empregada no estudo de Laet et. al. (2019), e foram localizados 8 artigos e 2 e-books, porém, nenhum deles trazia experiências na educação profissional. Estes levantamentos justificam a necessidade de se realizar esta pesquisa para fomentar a discussão de estudos tanto na educação profissional quanto nas áreas de letramentos e multiletramentos.

Portanto, é importante ressaltar que a atuação de professores do ensino técnico profissional difere da de outros profissionais da educação:

“O fato que sempre sobressai é a constatação de que tanto Ensino Técnico como seus professores têm especificidades que os diferenciam do conjunto do ensino regular universal e obrigatório. Podem ser destacadas duas: primeiro, os docentes sempre foram antes profissionais, tornando aqui o sentido de se estar ligado ao mundo produtivo e ser retirado do mercado de trabalho, que professores; segundo, a universidade se manteve distante da formação desses docentes” (PETEROSSO, H. G., MENINO, E., 2017, p.104).

Sendo assim, para operacionalização deste estudo, foi realizada a fundamentação teórica abordando o ensino profissional no Brasil alinhando teorias de letramentos, multiletramentos e formação de professores no ensino profissional brasileiro. Os textos estudados são um contraponto entre os dados apresentados pelo Banco Mundial e Organização das Nações Unidas justapostos aos retratos sociais apresentados pelos autores Rifkin, Beck, Ramos, Manyika e Menino.

Além disso, foram apresentadas as teorias de letramento expressas por Barton, Street, Rios, Soares e Kleiman, correlacionando às condições em que o ensino profissional brasileiro está alicerçado, bem como aspectos de formação docente do professor de ensino técnico, representados por estudos de Gatti e Cordão. Ainda enfatizando a importância da leitura e escrita, também foram estudados autores que se dedicam a desdobramentos das teorias de letramentos, como multiletramentos (ROJO, 2013, 2014 e 2019) e letramento informacional (PEDRETTI, 2017 e GASQUE, 2019).

Após o levantamento bibliográfico foram feitas entrevistas pessoais e presenciais com doze professores especialistas em áreas do conhecimento diversas atuantes em cursos técnicos ofertados por escola técnica da rede estadual de São Paulo. O roteiro de entrevistas foi elaborado a partir do levantamento bibliográfico e pode ser verificado no Apêndice A. Os relatos oferecidos pelos professores foram analisados por meio de desenho emergente, pois ao analisar

os dados o pesquisador pôde categorizar as informações para construção de sua teoria (SAMPIERI et. al, 2013) bem como através dos casos e exemplos trazidos pelos professores, já que Bauer e Gaskell (2008) indicam que contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana. Verificar as histórias que os participantes expressaram em seus relatos tornou o processo ainda mais palpável dado que as teorias de letramentos e multiletramentos conduzem a esse aprendizado a partir de suas práticas sociais.

Esta pesquisa está dividida em 06 capítulos. O primeiro capítulo é esta introdução, o segundo aborda questões inerentes ao trabalho no século XXI. O terceiro capítulo traz aspectos da função da escola, conceitos de letramentos e multiletramentos voltados à formação do professor. O quarto capítulo caracteriza os professores de ensino técnico e apresentou os métodos de pesquisa utilizados neste estudo. O quinto capítulo aborda os resultados da pesquisa e o sexto capítulo traz as conclusões deste estudo.

1. ENSINO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO

O presente capítulo visa situar o cenário do trabalho, a importância do ensino profissional para o desenvolvimento da sociedade e os apontamentos para o futuro desse ensino como um todo.

As grandes mudanças tecnológicas demandaram muitas alterações nas formas como as pessoas garantem sua sobrevivência. Novas formas de trabalho informal surgiram, como o aumento de serviços por aplicativos, possibilidades de atuações em mais de uma área de formação ao mesmo tempo e tantas outras oportunidades que a interconectividade possibilitou às pessoas. As novas tecnologias também acabaram com muitos postos de trabalho já que muitas operações antes efetuadas por homens foram substituídas por robôs ou outros meios mais tecnológicos de atuação.

Ford (2019) reflete sobre os avanços da inteligência artificial nas mais diversas frentes de atuação, mostrando como muitos postos serão dizimados nos próximos anos, porém, em todas as suas análises, o autor pontua que os postos que correm mais riscos são aqueles mecanizados e que exigem pouca criticidade em relação a atividade.

Foi divulgado no Fórum Econômico Mundial, um relatório contendo um mapeamento sobre as profissões do futuro que indica que serão demandados profissionais que mesclam habilidades digitais e humanas e mesmo que a tecnologia possa acabar com muitos postos de trabalho, aqueles que tiverem habilidades para resolução de problemas complexos e disposição para novos aprendizados e atualizações constantes para realização de suas atividades conseguirão se manter empregáveis (FORUM, 2020).

Nos Estados Unidos e em mais quinze países que constituem a União Europeia, mais de 285 milhões de adultos não estão no mercado de trabalho e pelo menos 100 milhões deles gostariam de estar trabalhando. Além disso, de 30% a 45% da população em idade laboral ao redor do mundo está subutilizada, ou seja, desempregada, inativa ou subempregada (MANYIKA, 2017).

O relatório da UNESCO previa crescimento populacional no mundo de 6,25 bilhões de habitantes em 2000 subindo para 20 bilhões em 2050, mas esse montante não seria distribuído de forma igualitária pelo planeta já que nos países desenvolvidos as taxas de crescimento populacional estarão cada vez maiores na faixa acima dos 65 anos (DELORS, 2012).

Além dessas variações demográficas, o avanço tecnológico e a globalização trouxeram muitas mudanças, proporcionando uma transformação no cenário profissional com a extinção de muitas profissões, um aumento de pessoas atuando na economia informal e, alargando os problemas sociais ao redor de todo o mundo (RIFKIN, 1995).

Os subempregos, antes vistos de forma muito negativa, terminaram se tornando um fato irreversível em todas as possibilidades de atuação, nos mais diversos níveis sociais e ganharam terreno, além de muitos simpatizantes, primeiro por conta das adversidades econômicas, mas depois pelas condições mais flexíveis que estas posições apresentam frente às posições formais. As classes mais sensíveis e excluídas do mercado de trabalho convencional, como, por exemplo, mulheres com filhos pequenos terminaram se rendendo facilmente aos subempregos, tornando-os sua principal fonte de renda e, inclusive, não tendo pretensões de acessar empregos formais (BECK, 2011).

Esses apontamentos reforçam a necessidade de refletir que apesar dos quatro cantos do planeta estarem interconectados, ainda assim, existem sérios e incontornáveis “*gaps*” que ressaltam as disparidades sociais. Esses fatores invariavelmente levam para a necessidade de reestruturar formas de educação voltadas para o desenvolvimento permanente, constante, desafiador e produtor de conhecimento a fim de proporcionar a sobrevivência das pessoas nesse cenário cada vez mais mutante.

Também é importante situar o Brasil neste cenário: o país ocupa o oitavo lugar no *ranking* mundial do Produto Interno Bruto disponibilizado pelo Banco Mundial (2019), porém em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o 79º colocado conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2019) e, para Ramos (2014) o emparelhamento dessas posições só será possível por meio do desenvolvimento educacional da população, principalmente através da educação profissional.

Nos Estados Unidos, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos, 40% dos empregados diziam que a falta de habilidades não é a principal razão para a dificuldade em acessar os primeiros empregos. Seis por cento afirmavam que os recém-formados não estavam adequadamente preparados para o mundo do trabalho. Existiam *gaps* em competências técnicas, mas também nas competências básicas como comunicação, trabalho em equipe e pontualidade. A rede social LinkedIn indicou que 37% dos respondentes relataram que não utilizam suas competências adequadamente em seus trabalhos. Além disso, não existiam trabalhadores que possuíssem os níveis de qualificação exigidos em certos postos, causando um desalinhamento geográfico que pode estar não somente dentro dos países, como entre os países (MANYIKA, 2017).

Em 1985, os profissionais com Ensino Fundamental completo ocupavam 51,4% dos empregos, enquanto 15,5% eram ocupados por trabalhadores com Ensino Médio completo, contudo, o Censo de 2010 apontou uma inversão neste cenário, sendo que, 16,4% dos empregos estavam nas mãos dos profissionais com Ensino Fundamental, enquanto, 41,9% eram ocupados por profissionais com Ensino Médio (RAMOS, 2014). Como o Ensino Médio faz parte da educação básica e essa educação está sendo acessada cada vez mais pela população de todas as classes sociais, essa inversão apontada já é esperada, mas o que se pode entender a partir desse dado é que a valorização da escolaridade pelo mercado de trabalho pôde ser sentida, pelo menos estatisticamente.

Para entender a relação desses fenômenos com a educação profissional é necessário visualizar as bases que fundamentam esta modalidade da educação. A Recomendação n° 150 da Organização Internacional do Trabalho, de 1975, indica a educação profissional como todo tipo de formação destinada a preparar ou readaptar uma pessoa para que exerça um emprego, desenvolvendo aptidões profissionais, tendo em vista as possibilidades de empregos e de permitir que se faça o melhor uso de suas capacidades em benefício próprio ou da comunidade (OIT, 1975).

O caminho formativo único para modelagem do profissional atendeu, por um tempo, as necessidades profissionais, mas a partir do momento em que esse indivíduo pôde transitar por diferentes culturas e obter diferentes entendimentos de mundo, a concepção de formação também precisou se adaptar (BECK, 2011).

Portanto, aprender ao longo da vida se torna uma condição que deve ser desenvolvida pelas pessoas desde o início de sua existência. Aprender ao longo da vida seria como aprender algo, voltar a aprender, refazer o ponto de vista sobre determinada temática e reestruturar esse aprendizado sempre de acordo com as necessidades e objetivos do momento em que se está inserido. Não há mais espaço para se pensar em educação como um período com início e fim, de forma igual para todos. É preciso pensar em atualização constante, apropriação cultural, domínio de tecnologias para que essas pessoas tenham condições de ser inseridas na sociedade em constante mutação.

Na América Latina e no Caribe, quase 7 milhões de jovens procuram trabalho sem sucesso e aproximadamente 27 milhões estão confinados a empregos informais, com salários precários e sem proteção ou direitos. Pelo menos 20% dos jovens não trabalham, nem estudam, nem recebem formação na América Latina. Apenas entre 30% e 50% dos jovens que conseguem concluir seus estudos de nível médio acessam o nível superior. De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), mais da metade dos jovens de 20 a 24 anos não completa os 12 anos de estudo, o mínimo de escolaridade necessária para evitar cair em condições de pobreza (ZUÑIGA, 2014, p. 82).

Muitas hipóteses para explicar esse fenômeno podem ser levantadas, como por exemplo: o ensino não consegue seduzir o jovem na era da informática ou ele acredita que o estudo nada pode lhe agregar de diferente do que ele já possui. Tentar entender esse cenário é um tanto quanto utópico já que muitos fatores sociais podem ter afetado essa relação, mas:

O diploma já não é garantia de coisa alguma; mas ainda é ou é mais do que nunca a condição prévia para se defender do iminente desespero. E à beira desse abismo – e já sem o chamariz da própria carreira à vista –, resta apenas engolir de colherada em colherada o mingau insosso das exigências educacionais burocratizadas” (BECK, 2011)

No entanto, é primordial analisar e verificar como estão as disposições legais para educação profissional no Brasil já que esta modalidade educacional é a responsável por qualificar o indivíduo para o acesso ao mercado de trabalho em todas as possibilidades de atuação que ele puder dispor.

A educação profissional e tecnológica no Brasil está regulamentada pela Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, denominada “Lei de Diretrizes e Bases” (LDB) e outras legislações que lhe dão suporte. Uma delas é a Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012 que indica a formação técnica estruturada em itinerários formativos flexíveis, diversificados e atualizados. Os itinerários formativos são etapas de formação dentro do Eixo Tecnológico, sendo que cada uma das etapas pode ser devidamente certificada (BRASIL, 2012) e o aluno pode seguir os mais diversos caminhos para a formação profissional, mantendo-se atualizado e, principalmente, caminhando junto com as inovações e mudanças que o mundo sofrerá ao longo de sua vida.

Em alguns dos roteiros que este aluno decida seguir, necessitará cumprir pré-requisitos para acessar a próxima etapa de formação, por exemplo, para estudar em um curso de Ensino Técnico ele deverá ter concluído o primeiro ano do Ensino Médio ou estar cursando concomitantemente.

No relatório de Delors (2012) há a indicação de que a educação básica também deve estar orientada para a formação para o trabalho já que:

O diploma adquirido no fim da escolaridade ainda constitui, muitas vezes a única via de acesso a empregos qualificados, e os jovens não diplomados, como não têm nenhuma competência reconhecida, não só se encontram em situação de insucesso no plano pessoal, como estão também em situação de inferioridade prolongada perante o mercado de trabalho (DELORS, 2012, p. 121).

Essa estruturação tem a pretensão de atender a profissionalização desse aluno a fim de que alcance às necessidades do mundo do trabalho. A legislação também define critérios para

a abertura e manutenção de cursos alinhados com os Catálogos Nacionais de Cursos e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ambos estruturados e mantidos pelo Ministério da Educação (MEC). Além disso, a legislação define que a formação técnica deve atender ao disposto no Artigo 5º da Resolução nº 6 do MEC:

“Art. 5º Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio têm por finalidade proporcionar ao estudante conhecimentos, saberes e competências profissionais necessários ao exercício profissional e da cidadania, com base nos fundamentos científico-tecnológicos, sócio-históricos e culturais” (BRASIL, 2012).

As mudanças na sociedade foram várias desde a implementação dessa legislação. A formação do jovem voltada à sua atuação profissional deve passar pela postura do funcionário, como este será percebido pela empresa, incluindo a necessidade de domínio de outros idiomas até mesmo para cargos mais baixos e as legislações devem acompanhar essas alterações (PETEROSSO e MENINO, 2017).

Os referidos autores indicam que o profissional faz parte de um emaranhado de relações e deve estar pronto para enfrentar os mais diversos desafios que a profissão lhe exigir. Profissionais híbridos, aqueles com diversas formações, são cada vez mais comuns e os especialistas, quanto mais especializados, também possuem seu valor. Então, os currículos dos ensinamentos técnicos buscam mesclar variados tipos de conhecimentos para tentar formar um profissional atraente para o mercado de trabalho (PETEROSSO e MENINO, 201735fb5114).

Ainda assim, é necessário trazer a última alteração da BNCC (MEC, 2017), a ser seguida pelas instituições de educação básica do país a partir da sua promulgação. A BNCC é um conjunto de indicações norteadoras para o desenvolvimento dos currículos das escolas públicas e privadas do Brasil.

Após muitas idas e vindas, desde que a LDB foi promulgada em 1996, a BNCC define como possibilidades de desenhos curriculares, cinco itinerários formativos, onde as disciplinas básicas podem ser escolhidas conforme o itinerário a ser ofertado pela instituição.

O itinerário que interessa para esta pesquisa é o último que trata da formação técnica e profissional. Ainda em relação à BNCC, é importante ressaltar que ela compreende dez competências que o aluno deve desenvolver ao longo do ensino médio. É importante salientar a competência 6 que se reporta diretamente aos saberes necessários para o trabalho enquanto todas as outras trazem competências relacionadas ao que será requerido desse aluno ao longo de sua vida.

“6. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética que possibilitem entender as relações

próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BRASIL, 2018).

Essa competência exige da escola uma interação tecnológica e abrangente, permanentemente focada em experiências atuais e que estejam alinhadas com o que o aluno vivencia em sua rotina. A oportunização de experiências voltadas para o exercício da cidadania, atuação ética e em conformidade com os novos rumos do mundo do trabalho farão com que o aluno se aproprie melhor dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. Ainda assim, é importante pontuar que os professores devem estar alinhados com o projeto da escola, os movimentos da sociedade e principalmente do entorno da escola (ROJO, 2019).

Assim, trabalhar este item da BNCC representa um desafio para a escola, pois força o exercício e a reflexão do que é o mundo fora dos muros da escola, de quais necessidades o aluno terá para fazer parte desse mundo. A escola precisará se municiar de ferramentas para atender exigências tão abrangentes. É necessário preparar os professores, alinhar expectativas dos alunos e pais, sempre respeitando os aspectos legais (KLEIMAN, 2007).

A teoria de multiletramentos que será abordada no Capítulo 2 desta pesquisa parece trazer um alento para as expectativas dessa competência 6 da BNCC já que consiste na diversificação das plataformas de produção de conhecimento para aprimoramento de conceitos trabalhados em atividades cada vez mais mescladas entre as diversas disciplinas escolares.

Como o ensino técnico é um dos itinerários formativos abrangidos pela BNCC, entende-se que esta modalidade de ensino deve priorizar a preparação de seus alunos para o mercado de trabalho, fornecendo alternativas de atuação dentro daquela profissão que eles irão atuar. O que pode ser levantado é que, embora a legislação engesse a atuação da escola, ainda assim existe a preocupação de ampliar o espectro dessa vivência desse indivíduo no mundo. Além de estar alinhada com as exigências do mercado, a escola técnica deve propiciar ao aluno o ajuste daquelas deficiências que ele tenha carregado das etapas anteriores que frequentou. Não só porque a legislação aponta essa prerrogativa, mas por ser uma necessidade de preparar o aluno para transitar nos mercados que irá atuar.

“Andar, viver. Viver uma vida complexa, onde as criaturas realmente existem, amam, sofrem, morrem, não sabem o que é passar a vida sentadas a uma máquina escrevendo fichas, batendo relatórios que os outros escreveram, coisas vis e sem humanidade, palavras que não têm existência real e não têm conteúdo, que não designam nada, senão as relações absurdas que a gente que é apenas uma fórmula ou um título” (QUEIROZ, 2017).

O trecho apresentado é do livro “As três Marias” de Rachel de Queiroz e teve sua primeira publicação em 1939. Já se pode ver uma inquietude sobre a significação daquele

trabalho na existência da protagonista Maria da Glória mas, passados tantos anos e confrontando esse relato à literatura trazida no presente capítulo, pode-se entender que tanto o ensino quanto o mercado de trabalho precisam estar alinhados para que exista uma motivação dos alunos em prosseguirem seus estudos e entenderem essa relevância para a sua vida.

3. LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS

Carolina Maria de Jesus ficou conhecida após a publicação de seu diário na década de 60. A excentricidade do texto de uma favelada aliada ao retrato das mazelas daquela sociedade fez com que a obra se esgotasse em poucos dias. Logo, Carolina conseguiu dinheiro para sair da favela, mas esse sucesso foi se apagando pouco a pouco. O seu diário terminou ganhando notoriedade nos anos 2000 após ser adotado como leitura obrigatória em diversos vestibulares brasileiros.

Despertei com a voz de D. Maria perguntando-me se eu queria comprar banana e alface. Olhei para as crianças. Estavam dormindo. Fiquei quieta. Quando eles **vê** frutas sou obrigada a comprar. (...) Mandeí meu filho João José no Arnaldo comprar **açucar** e pão. Depois fui lavar roupas. Enquanto as roupas **corava** eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me:
 — O que escreve?
 — Todas as lambanças que **pratica** os favelados, estes projetos de **gente humana** (JESUS, 2014, p. 23).

O diário foi publicado com poucas alterações em relação aos registros contidos nos cadernos de Carolina, segundo nota do editor, para manter a originalidade do texto. Por isso, é possível perceber nos itens assinalados em negrito que o texto de Carolina contém diversas incorreções da linguagem escrita que denotam a falta de familiaridade com esta forma de linguagem.

Carolina pouco frequentou a escola, mas tinha o desejo de se tornar escritora e para isso, escrevia. Mesmo tendo frequentado a escola por poucos anos, ela acreditava no poder de seu texto e estava certa, pois seus relatos depois de sessenta anos da sua publicação ainda causam grandes reflexões entre os estudantes brasileiros.

Se Carolina fosse viva nos tempos de internet, não teria precisado esperar por um editor para publicar seus textos e poderia ter escrito em um blog ou nas redes sociais. A publicação seria muito mais rápida e atingiria um sem fim de leitores muito mais rapidamente. O único ponto que não seria mudado são as incorreções gramaticais de seu texto e, por isso, muitos leitores poderiam criticá-la por sua redação ou, quem sabe, exaltá-la por sua coragem em se expor tanto.

Nesta pesquisa, não se pretende analisar os equívocos no texto de Carolina, mas usá-lo como exemplo para análise dos motivos que levam muitos brasileiros a cometerem as mesmas incorreções que ela em seus escritos. Não somente os que tiveram pouco acesso à escola, mas também, como verificado nos últimos anos, os que frequentaram a escola por muitos anos e,

mesmo assim, não possuem o domínio da leitura e da escrita de forma adequada. Nesta pesquisa, serão abordados os conceitos de letramento, letramento informacional e multiletramentos, principalmente no que tange aos alunos de cursos na educação profissional.

Letramento é a capacidade de ler e escrever para atendimento das necessidades sociais do indivíduo (BARTON, 1994). Esse termo foi trazido à tona por conta de uma demanda social em relação ao entendimento do que é ou não ser alfabetizado. Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado é aquele capaz de usar socialmente a leitura e escrita, respondendo às demandas sociais que essa capacidade lhe trouxer. Esse saber social só se torna aparente quando a problemática do analfabetismo é resolvida, mesmo que minimamente, e o desenvolvimento social, cultural e econômico torna necessárias novas práticas mais rebuscadas de leitura e escrita (SOARES, 2017).

Para aprofundar o conceito de letramento é necessário entender que as mudanças operadas pelos programas de letramento podem atingir profundamente as raízes culturais de uma sociedade. Em algumas sociedades não letradas em que o processo de letramento foi feito por representantes de outras culturas, o confronto direto com indivíduos com a consciência do poder da escrita e da leitura trouxe resistências de ordem política. Essas populações tendiam a não se sujeitar aos processos de letramento, impactando os resultados alcançados por esses indivíduos em quaisquer formas de medição desses aprendizados (STREET, 2018).

Os discursos dominantes do letramento estão relacionados tanto aos discursos dominantes da escrita e da leitura, quanto em relação às construções sociais, como sistemas burocráticos, acadêmicos ou literários. Nesses casos, uma instância de alguma forma impõe seu poder, domina outros que estão submetidos à essa forma de poder (RIOS, 2018).

O conhecimento obtido através da oralidade constituiu a formação social e o escrito, embora identificado como verdade porque está documentado, nem sempre pode retratar o contexto social da época a que se propõe a retratar. Portanto, a oralidade por muito tempo pôde dar conta das necessidades de letramento que algumas sociedades tinham, mas nem sempre a escrita se fez necessária na vida das pessoas (RIOS, 2013).

O primeiro estudo português de medição de habilidades de letramento, em 1996, apontou para uma situação de semianalfabetismo e os resultados apresentavam uma circularidade, pois se a situação de semianalfabetismo fosse confirmada, os documentos produzidos naquela sociedade não poderiam estar bem escritos por serem estes escritos pelos mesmos cidadãos. Dessa forma, os documentos deveriam ser preparados a partir de um modelo adequado à um público semianalfabeto, o que seria um paradoxo tendo em vista que o conceito de letramento aponta o domínio dessa habilidade fundamental para a condição cidadã, de acesso

ao emprego, à cultura e à participação na sociedade, bem como para o país uma condição fundamental para desenvolvimento econômico (DELGADO-MARTINS et. al, 2000).

Já no Brasil, o processo cultural de formação leitora da população deve ser analisado de forma muito diferente do ocorrido em países desenvolvidos:

“Ao longo de todo o século 19 os alfabetizados não ultrapassaram os 30% da população brasileira, e não se verificaram alterações de perfil e dimensão do leitorado semelhantes às que acompanharam a emergência do romance na França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1872, apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever, segundo dados do recenseamento; entre a população em idade escolar (6 a 15 anos), que somava 1.902.454 meninos e meninas, apenas 320.749 frequentavam escolas, ou seja, 16,9%. Já em 1890, a porcentagem diminuiu: apenas 14,8% sabiam ler e escrever. Ainda segundo o censo de 1872, que apurou uma população de quase 10 milhões de habitantes, apenas 12 mil frequentavam a educação secundária e havia 8 mil bacharéis no país. Esses dados indicam o leitorado potencial, o que significa que o número de pessoas efetivamente capazes de ler e escrever era certamente muito menor” (GUIMARÃES, 2001, p. 37-38).

Se o retrato da alfabetização brasileira era este no final do século XIX, deve-se entender que o principal modo de comunicação nessa sociedade se dava por meio da comunicação oral. A peça “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna, de 1956, explora essa condição comunicativa do brasileiro:

“JOÃO GRILO
O testamento do cachorro, a prova de que você agiu bem, de acordo com o Código Canônico, artigo não sei quanto, parágrafo sete, letra b.
PADRE
Ah, você sabe ler, João?
JOÃO GRILO
Não, conheci pelo peso”
(SUASSUNA, 2016, p.73)

O trecho assinalado, corrobora com a indicação de que os países latino americanos possuem uma dinâmica diferenciada no que tange a aquisição de escrita e leitura. Esses países não tiveram um tempo de maturação dessas habilidades por conta dos processos históricos de colonização, bem como, a entrada de veículos de comunicação, como rádio e televisão, por que “passaram do plano discursivo-verbal para o dos meios audiovisuais” (CITELLI, 2000).

Foram efetuados muitos outros censos a fim de medir o alfabetismo brasileiro, mas como em outros países, conforme o alfabetismo foi sendo resolvido, as habilidades de letramento foram sendo cada vez mais requisitadas e começaram a ser mensuradas através do INAF (Índice Nacional de Alfabetismo Funcional). O índice é conduzido pelo Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE em parceria com a ONG Ação Educativa que tem como

objetivo colher dados em relação à leitura, escrita e matemática da população brasileira para fornecer esses dados à sociedade visando fornecer subsídios para o fomento de políticas públicas nas áreas de educação e cultura brasileiras.

O INAF se propõe a investigar as habilidades de leitura e escrita da população brasileira desde 2001, com o objetivo de colher dados em relação à leitura, escrita e matemática da população brasileira. Após essa coleta, são feitas análises dos dados aferidos para fornecimento desses dados à sociedade visando oferecer subsídios para o fomento de políticas públicas nas áreas de educação e cultura brasileiras (RIBEIRO *et. al.*, 2004, 2015).

A pesquisa consiste em realizar entrevistas com uma amostra da população selecionada de acordo com dados censitários e, assim, seleciona-se através de cotas proporcionais (sexo, idade, escolaridade) pessoas que participarão de testes cognitivos e questionário contextual. O teste cognitivo é composto por um questionário de alfabetismo que envolve leitura e interpretação de textos do cotidiano (bilhetes, notícias, por exemplo) e o outro questionário é composto por perguntas sociodemográficas e práticas de leitura, escrita e cálculo sobre as práticas diárias desses indivíduos, porém esses questionários não são disponibilizados ao público pelas entidades.

O INAF possui cinco níveis de alfabetismo, representados na tabela a seguir:

Níveis de alfabetismo		
Grupos	Utilizados a partir de 2015 (cinco níveis)	Características
Analfabetos funcionais	Analfabeto	Não conseguem realizar tarefas simples de palavras e frases, ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares
	Rudimentar	Localiza uma ou mais informações em textos simples (calendários, por exemplo). Compara, lê e escreve números familiares. Resolve problemas simples do cotidiano e reconhece sinais de pontuação.
Funcionalmente alfabetizados	Elementar	Seleciona uma ou mais informações em textos diversos de extensão média). Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples).

	Intermediário	Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico). Interpreta e elabora síntese de textos diversos e reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.
	Proficiente	Elabora textos de maior complexidade com base em elementos de um contexto e opina sobre o posicionamento do autor. Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis e resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem etapas diversas de planejamento, controle e elaboração).

Quadro 1 – Escalas de Proficiência do INAF (INAF, 2016) - elaborada pela autora

Os dados do INAF mostravam, em 2014, que no Brasil, 6 em cada 10 jovens e adultos entre 15 e 64 anos (62%) que chegam ao ensino superior demonstravam um pleno domínio das habilidades de leitura e escrita avaliadas, enquanto 38% não superavam o nível básico. A pesquisa ainda mostrava uma ampliação da proporção de pessoas que chegavam ao ensino médio, mas com uma piora no desempenho deste grupo nos testes aplicados, conforme análise realizada em publicação sobre os efeitos do índice em seus primeiros anos em que esse estudo foi realizado no Brasil (Ribeiro *et. al.*, 2014).

O último apontamento da pesquisa mostra que 7 entre 10 brasileiros, entre 15 e 64 anos podem ser funcionalmente alfabetizados. A pesquisa também aponta que 45% dos que ingressaram ou concluíram o ensino fundamental encontravam-se no nível elementar da escala INAF e, 49% dos concluintes do ensino médio encontravam-se no mesmo nível elementar, demonstrando “limitações para relacionar-se com as demandas cotidianas de uma sociedade letrada” (INAF, 2018, p. 14). Isso demonstra que o fato de frequentar a escola talvez não esteja surtindo uma melhora nas habilidades de leitura e escrita dessa população.

Com retratos tão negativos em relação ao domínio de leitura e escrita no Brasil parece uma utopia pensar que a sociedade brasileira tem maturidade para lidar com as mais diversas atuações que a tecnologia proporciona na atualidade. A imensidão de informação disponível nas redes interconectadas com todo o mundo demanda habilidades não só leitoras, mas principalmente de criticidade na análise, rastreamento e utilização dessas informações que somente podem ser desenvolvidas caso a caso.

Parece utópico também imaginar que esses retratos mostrados pelo INAF também não estejam reproduzidos nos âmbitos de ensino profissional. E, então, logicamente é preciso e necessário se discutir como os letramentos e multiletramentos vêm sendo encarados nos mais diversos âmbitos sociais em que os indivíduos atuam, principalmente qual o impacto disso tudo na educação profissional, já que estes dados denotam que o fato de frequentar a escola não tem assegurado que os indivíduos estejam fazendo uso da leitura e escrita em diferentes situações da vida cotidiana e profissional.

Quando pesquisas desse tipo são divulgadas ao público, conseqüentemente há uma ampla propagação para a sociedade. Matérias jornalísticas com títulos como: “Nunca se leu tanto, tão errado e se interpretou tão mal: saber ler e interpretar é questão de sobrevivência e amplia horizontes” (PINHEIRO, 2016) ajudam a fortalecer o pensamento coletivo de que a escola não cumpre seu papel adequadamente. Desta forma, o desafio de aprimorar as habilidades de letramentos está muito claro para a sociedade e, nas escolas, têm-se a importância de buscar como desenvolver essas habilidades de forma consistente. Como o aluno, o professor, a gestão, as políticas públicas entendem os letramentos e multiletramentos parece ser um desafio ainda maior, pois alinhar as expectativas de todos esses atores pode impedir o desenvolvimento de práticas efetivas.

Como a reflexão sobre o estudo português, esta pesquisa brasileira também pode ser questionada já que os instrumentos aplicados não são de forma alguma disponibilizados para análise científica, mas ainda assim, os dados obtidos através do INAF são balizadores para questões políticas brasileiras de fomento à educação.

Soares (2017) enfatiza categoricamente que:

“o letramento não pode ser avaliado e medido de forma absoluta. Como não é possível “descobrir” uma definição indiscutível e inequívoca de letramento, ou a *melhor* forma de defini-lo, qualquer avaliação ou medição desse fenômeno será relativa, dependendo de *o quê* (quais habilidades de leitura e/ou escrita e/ou práticas sociais de letramento) estiver sendo avaliado e medido, *por quê* (para quais fins ou propósitos), *quando* (em que momento) e *onde* (em que contexto socioeconômico e cultura) se está avaliando ou medindo, e *como* (de acordo com quais critérios) é feita a avaliação ou medição” (SOARES, 2017, p. 116).

As dificuldades de mensuração dos letramentos individuais da população de fato são um dificultador para balizamento de ações que realmente surtam efeito na sociedade, porém, é preciso utilizar-se de um ponto de partida para se propor ações efetivas para a elaboração de propostas capazes de movimentar a sociedade. O INAF cumpre esse papel e tem ajudado a definir políticas de fomento à leitura por todo o país.

A ELINET - Declaração Europeia Pelo Direito ao Letramento (2016) entende letramento como a habilidade de ler e escrever em que o indivíduo possa efetivamente usar a escrita como comunicação em todas as mídias (impressa e eletrônica), incluindo o letramento digital. O letramento é pré-requisito essencial para todas as crianças. Na sociedade do conhecimento do século XXI, a rápida velocidade em que novas tecnologias surgem e as constantes mudanças no mundo do trabalho, o aprendizado pautado no letramento não está limitado às crianças e aos adolescentes, mas também deve ser reconsiderado como uma necessidade e, conseqüentemente, uma exigência por toda a vida.

Dessa forma, a declaração elenca onze condições a serem seguidas pelos países membros da União Europeia, na condução do desenvolvimento do letramento nesses países:

- 1) “As crianças deverão ser encorajadas em casa a desenvolver sua língua materna para adquirir o letramento.
- 2) Pais devem receber suporte para ajudar no desenvolvimento da linguagem e apropriação do letramento.
- 3) As escolas infantis oferecerão ensino de alta qualidade, inclusive para estrangeiros para que o letramento seja alcançado através de atividades lúdicas.
- 4) Deverão ser ofertadas condições de alta qualidade no letramento para crianças, adolescentes e adultos.
- 5) Todos professores receberão treinamento educacional para iniciação e desenvolvimento profissional em letramento para professores para estarem preparados para as demandas da sociedade.
- 6) Competências digitais serão promovidas por grupos de todas as idades incluindo pensamento crítico e criativo para uso em mídias digitais.
- 7) A leitura por prazer será promovida e encorajada.
- 8) Bibliotecas serão acessíveis e bem equipadas.
- 9) Crianças e jovens com problemas de aprendizagem em letramento receberão suporte acompanhados por especialistas apropriados.
- 10) Adultos serão estimulados a desenvolverem habilidades de letramento e conhecimento necessário para participarem ativamente da sociedade.
- 11) Setores públicos, profissionais, pais e comunidades trabalharão em conjunto para assegurar igualdade. O acesso ao letramento para acabar com abismos sociais em todos os níveis educacionais” (ELINET, 2016).

Tendo em vista toda a literatura já estudada e, principalmente, considerando que o estudo do letramento não está pautado apenas no desenvolvimento escolar nas séries iniciais, como já abordado amplamente, mas como posto pela ELINET é um direito do indivíduo para acompanhamento das mudanças que estão ocorrendo no mundo, não é prematuro considerar o direito de ler e escrever consolidado e superado em muitas partes do mundo. Portanto, a formação de pensamento crítico para atuação cidadã impõe-se como o maior desafio para enfrentamento das mudanças impostas pelo mundo moderno.

3.1. Multiletramentos

Petit (2009, 2010) relata que é muito comum estudantes de escolas técnicas e profissionalizantes, que gostam de ler, serem apelidados, sempre no sentido negativo, como pessoas que se sentem mais importantes porque detém mais conhecimento e, até mesmo, por uma questão de sociabilidade, muitos jovens tendem a não se interessar pela leitura. Seus estudos apontam que a leitura também é uma prática mais feminina que masculina e, por isso, dificilmente se vê meninos portando livros em escolas técnicas. Por isso, ela avalia a necessidade de se estruturarem políticas de incentivo à essa prática, principalmente com os jovens de classes mais baixas para que o acesso ao saber seja equalizado.

A autora traz esse relato em relação aos alunos franceses que frequentam escolas técnicas e Canclini (2019) diz que a França possuía o índice de alfabetização de 90% em 1980. Isso tornou possível a circulação de romances proporcionando a formação de públicos maciços para o consumo de textos. Então, se na França com sua maturidade leitora existe esse tipo de preconceito, o que se pode pensar do Brasil que como visto em parágrafos anteriores patina em relação aos índices de leitura e escrita?

Se ser culto no sentido moderno é, antes de mais nada, ser letrado, em nosso continente isso era impossível para mais da metade da população em 1920. Essa restrição se acentuava nas instâncias superiores do sistema educativo, que verdadeiramente dão acesso ao culto moderno. Nos anos 30 não chegam a 10% os matriculados no ensino secundário que eram admitidos na universidade (CANCLINI, 2019, p. 69).

O fenômeno ocorrido na França parece ter uma explicação quando Colomer (2007) reflete sobre o caráter revolucionário que a leitura já não possui para os jovens do século XXI. A autora reflete sobre a não necessidade de se esconder entre os livros ou de não ser necessário reivindicá-los já que eles estão mais acessíveis e que a leitura está intrinsecamente ligada à escola e, como já visto, a escola não tem sido eficaz na formação de leitores.

Um dos caminhos para a melhor formação desses jovens é sem dúvida o entrelaçamento das leituras com as mais diversas plataformas comunicacionais existentes. Rojo (2007, p. 65) indica que “os atos de ler e escrever são ainda mais fundamentais na interação virtual que em nossas interações cotidianas” e defende que nos tempos virtuais, esse leitor não é mais um leitor passivo, pois ele comenta, contribui e modifica a informação que chega até ele. Dessa forma, a autora define multiletramentos como a capacidade do indivíduo de atuar criticamente e ativamente na construção de conhecimento.

Dessa forma, surge a necessidade de se ampliar a atuação do indivíduo como leitor e como escritor, sendo que ser letrado, conforme trabalhado durante todo o capítulo, já não é mais suficiente. Nessa nova perspectiva de atuação, é necessário também desenvolver outras habilidades para lidar com as mais diversas tecnologias que surgiram e que surgirão nas sociedades, e então surgiu o conceito de multiletramentos.

Multiletramentos é um conceito bifronte: aponta, a um só tempo, para a diversidade de linguagens dos textos contemporâneos, o que vai implicar, é claro, uma explosão multiplicativa dos letramentos, que se tornam multiletramentos, isto é, letramentos em múltiplas culturas e em múltiplas linguagens (imagens estáticas e em movimento, música, dança e gesto, linguagem verbal oral e escrita etc) (ROJO, MOURA, 2019, p.20).

A velocidade com que as novas formas de comunicação se proliferam parecem não ter fim. Estar apto a transitar pelas diversas tecnologias é muito complexo, mesmo nas tecnologias mais intuitivas, como Whatsapp, por exemplo. Nessa rede social, não são raros os relatos de problemas de comunicação por conta das “liberdades” de escrita que o aplicativo permite e isso gera muitos ruídos comunicativos.

Surgem também novos termos como taguear (marcar), seguir alguém, curtir, comentar, remixar, memes, *mashup*, *fanfiction*, *fanclipe*, *fanzine*, *playlist*, *shipar*, *flop* e assim por diante, sendo quase constante participar de uma conversa e não entender algum termo. Mais que novos termos, esses vocabulários representam uma mudança cultural que não tem precedentes nas interações humanas.

Rojo e Moura (2019) refletem sobre os 2.000 anos que a humanidade demorou para inventar o alfabeto e 34 séculos para chegar à alfabetização universal dos povos para em pouquíssimo tempo precisar acostumar-se com textos eletrônicos, os quais permitem a livre interação e modificação destes.

Um exemplo dessa nova realidade é a proposta de redação para o vestibular da UNICAMP realizado em 12/01/20 que pedia ao candidato para realizar um roteiro para um podcast sobre biodiversidade e sociodiversidade (QUINELATO, 2020). Além de o candidato saber desenvolver um texto sobre biodiversidade e sociodiversidade, o aluno também precisava saber como funcionam os podcasts e como desenvolver um roteiro. Essa atividade consegue alinhar muitas habilidades e propõe ao aluno uma interação com a sociedade que antes não podia ser vista em exercícios escolares.

Encaminhar o ensino de leitura e escrita no campo profissional e profissionalizante na perspectiva de desenvolvimento dos multiletramentos pode proporcionar aos estudantes o livre trânsito entre os mais diversos textos sempre a fim de se fazer comunicar eficazmente nessa sociedade interconectada.

3.2. Multiletramentos na Educação Profissional

No que tange à empregabilidade, o nível de letramento é menos relevante do que a classe social, gênero ou etnia a que o indivíduo pertence, pois, o baixo letramento seria mais relacionado com o nível de pobreza e privação de acesso à conteúdos que tornam o indivíduo mais letrado do que a outros fatores relacionados à aprendizagem. As empresas costumam aplicar testes para avaliar os candidatos que se candidatam às vagas de emprego em que as habilidades letradas exigidas têm pouca ou nenhuma relação com a função que vão desempenhar na empresa. Assim, a função desses processos seletivos termina sendo filtrar tipos sociais e não exatamente determinar se o nível de letramento atende às tarefas exigidas pela posição ou cargo já que a padronização das redações através de formulários, listas e inventários, processos de armazenamento de dados (arquivos) determinam formas de aquisição da escrita como um instrumento para exercício do poder (DELGADO-MARTINS et. al., 2000).

Outro uso das habilidades de letramento no trabalho se dá através das leituras profissionais que atendem a necessidade de se informar, de se formar para atualizar conhecimentos, confirmar aptidões e, podem corresponder a exigências do progresso técnico e científico pois obrigam cada vez mais os adultos em atividade tendem a se dedicar, fora do tempo do trabalho, às leituras especializadas ligadas à profissão (HORELLOU-LAFARGE, 2010).

Outra concepção a ser ressaltada é a importância que a leitura tem na formação do indivíduo como cidadão:

“Leitura e escrita são inseparáveis. Todo mundo lê e todo mundo escreve. A vida cotidiana, doméstica, é balizada por pequenos textos escritos, bilhetes, listas de compras, de cartas destinadas à administração ou à família, cartas de amor” (HORELLOU-LAFARGE, 2010, p.145).

Mais uma vez, os multiletramentos aparecem como uma ferramenta importante para a condução dessas formas de apropriação do conhecimento. Leituras de trabalho não estão apenas nos livros acadêmicos, mas estão dissolvidas pela rede nas mais diversas formas de apresentação. Blogs, sites, canais no YouTube, perfis no Instagram ou Facebook, Podcasts e um sem fim de formas de representação. É necessário mencionar também que a rede oferece facilidades para encontrar outras pessoas com os mesmos interesses e torna possível a formação de grupos de estudo e compartilhamento de conhecimentos.

A prova de redação aplicada pela UNICAMP não está longe da realidade de um profissional da área de biodiversidade que produza conteúdo para a rede. Dessa forma, pensar em uma interação como a proposta do vestibular também na escola profissional adaptando essa proposta a habilitação a que o indivíduo esteja estudando faz com que o desenvolvimento das habilidades de multiletramentos sejam desenvolvidas de acordo com as vivências de cada aluno, voltadas para a atuação profissional a que este esteja estudando.

Na sociedade do conhecimento em que são produzidos materiais nas mais diversas formas e suportes, ou seja, vídeos, textos impressos, digitais, áudios, podcasts e as mais diversas fontes de informação são trazidas à pauta, não há como desconsiderar esses fenômenos informacionais como desafios tanto para o professor como para o aluno. Produzir textos nas mais diversas plataformas é tão ou mais importante do que apenas saber como consumir esse tipo de informação e não há como imaginar uma sociedade moderna sem a interação das diversas plataformas digitais, seja para fins de trabalho, comunicação pessoal ou apenas entretenimento.

Então, o produto de pesquisa pedido pelo professor pode perfeitamente ser a produção de um vídeo postado no Youtube e a avaliação pode estar ligada ao número de visualizações que esse vídeo possua. Quando o professor pede uma tarefa desse tipo, ele está se apropriando de todos os tipos de letramentos que foram abordados ao longo da pesquisa, pois está pedindo para o aluno ler e compreender textos que sustentem sua pesquisa, criar um produto com significado e utilizar as mais diversas plataformas digitais para atender à solicitação deste professor, ou de diversos professores se for o caso de uma atividade interdisciplinar.

Nessa vertente, é possível mesclar o conceito de letramento informacional como um desdobramento do conceito de letramento já visto amplamente ao longo desse levantamento de literatura.

O letramento informacional está relacionado à capacidade do indivíduo de buscar, refletir, interpretar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz. Isso vai muito além da alfabetização informacional ou da simples decodificação dos códigos informáticos, mas como toda teoria de letramento já estudada até o momento, o letramento informacional também se relaciona à prática social, ou seja, a capacidade de aplicação dessas informações no cotidiano desse indivíduo. O letramento informacional aplicado à prática educacional pretende capacitar os alunos a buscar e usar a informação de maneira eficiente e eficaz, possibilitando a aplicação desses conceitos pesquisados no cotidiano do indivíduo (GASQUE, 2012).

Pedretti (2017) realizou pesquisa para verificar como o letramento informacional poderia agregar valor à realização de pesquisa com significação no ensino técnico. Foi realizado

um projeto interdisciplinar com a participação dos professores de língua portuguesa e de componente técnico do curso de eletrônica. A pesquisadora realizou por um ano o acompanhamento desse projeto, verificando etapas para a construção de um manipulador robótico autônomo. Com o acompanhamento direcionado ao letramento informacional, ou seja, a pesquisa aliada a realização de um produto com significado, ela concluiu que o aluno letrado, na perspectiva informacional, tem condição de adaptar-se e se inserir na sociedade de aprendizagem de forma autônoma, sem a necessidade de intermediação do professor em todas as etapas do processo.

A teoria de letramento informacional dá conta da capacidade de realizar pesquisas para aplicação prática na vida diária, seja ela profissional ou pessoal, mas o indivíduo deve fazer uso dessas pesquisas que ele faz e, assim, reutilizá-las, ressignificá-las e realizar novas pesquisas. Isso conversa diretamente com os conceitos de aprendizagem ao longo da vida (DELORS, 2012) e faz com que a aprimoração dos eventos de letramento informacional sejam cada vez mais necessários no campo do ensino e, principalmente, no ensino profissional.

O que se pode ver é que todos os desdobramentos que o letramento possibilita vão na direção de uma atuação autônoma do indivíduo na sociedade. O indivíduo letrado em leitura e escrita tem condição de agregar outras possibilidades de letramento muito mais facilmente, por conta da condição de adaptação social, que esses letramentos possibilitam e, dessa forma, não há como negar que o letramento é, de fato, um direito do indivíduo na sociedade atual.

Quando o professor, e aqui pode-se inserir qualquer professor, das áreas de exatas, biológicas, sociais ou de linguagens, entende o caráter social que o domínio de leitura, escrita, pesquisa e atuação nas novas plataformas, essa sua atuação pode modificar a significação desse aprendizado. E é exatamente essa a relevância dessa pesquisa para contribuição no campo educacional.

4. O PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO, OS LETRAMENTOS, OS MULTILETRAMENTOS E O MÉTODOS DE PESQUISA

O presente capítulo visa caracterizar o professor especialista que leciona em escolas técnicas, bem como apresentar os métodos de pesquisa utilizados neste estudo.

Young (2007) reflete a importância da escola para a sociedade indicando como a escola está entre os diversos atores da sociedade. A escola tem relação com as famílias, com as tensões

políticas e com o acesso oportunizado às populações mais pobres, logo o papel de disseminação do conhecimento tem sido questionado, pois qual é o conhecimento que a escola deve oferecer? Aquele que a família não dá conta de transmitir sozinha? Qual o conhecimento realmente útil que vai fazer valer a pena que os pais façam sacrifícios para que seus filhos frequentem a escola? O autor reflete que resolver a equação das demandas políticas e as realidades escolares termina sendo o maior desafio das escolas.

No caso das escolas técnicas, o desafio sempre foi o acesso ao mercado de trabalho. Se antes a escola garantia o acesso ao mercado do trabalho, hoje, ela garante o acesso à fila de espera, ou seja, sem o diploma que o ensino garante, esse aluno não tem nem condição de estar no banco de profissionais à disposição do mercado e deverá recorrer a outras formas de sustento que não exijam formação. Ter o diploma não garante o emprego, mas garante a possibilidade de acessá-lo (BECK, 2011).

“... cada vez mais se verifica um descompasso entre os modelos educacionais existentes com as qualificações que propiciam e as qualificações requeridas pelo mundo do trabalho. As qualificações tradicionais baseadas na intuição, na reprodução do conhecimento adquirido e na experiência tendem a ser desvalorizadas em um mercado de trabalho no qual se constata uma procura crescente por qualificações mais polivalentes e flexíveis, que compreendem novos conhecimentos técnicos, capacidade de abstração e compreensão global (PETEROSI, 2014, p. 18)”

A escola técnica deve, além de fornecer formação de qualidade, buscar reafirmar as competências deficientes provindas da formação básica para que o indivíduo as sane o quanto antes, confirmando a necessidade de formação continuada, em tempos menores, para atendimento das novas demandas do mercado de trabalho (MENINO, 2014).

A partir dessas visões, percebe-se que são muitos os desafios da escola profissional na atualidade, tantos que não haveria como trabalhá-los nessa pesquisa e, por isso, será necessário focar na necessidade de voltar esforços para o aprimoramento das habilidades de letramento dos alunos frente a todas as exigências do mundo do trabalho.

É possível alçar o professor ao centro do processo educacional, pois ele possui o domínio do conteúdo estudado. Não somente isso, ele escolhe o que vai ser trabalhado em sala, ele lida com os alunos diariamente, faz a ponte entre aluno e gestão escolar, percebe os movimentos de seus alunos, os orienta e, muitas vezes, representa os pais desses alunos.

De acordo com Dalton (2017), os bons professores dos filmes têm algumas características em comum: são *outsiders*, ou seja, aqueles recém contratados que quando inseridos na cultura escolar acabam envolvidos pessoal e emocionalmente com os estudantes, enfrentam a administração da escola a fim de conseguir o que acham ser o melhor para os seus

alunos, personalizam um modelo próprio de currículo, muitas vezes infringindo eticamente o modelo já estruturado, sempre visando o bem do aluno, porque este professor aprende mais com o aluno do que o contrário. Este professor é enxergado com um mártir, um herói e/ou um modelo a ser seguido.

O estereótipo do professor retratado nos filmes reforça o modelo de atuação exclusiva e heróica do professor, direcionando a um professor utópico, mas impossível de ser vivenciado em larga escala, principalmente em um país com as proporções do Brasil. A problemática se estende desde a formação de qualidade de novos professores, bem como a formação continuada passando pelas condições de trabalho.

No ensino básico, um levantamento sobre a qualidade dos cursos de licenciatura demonstrou um desequilíbrio entre teoria e prática, bem como aprofundamentos com enfoque na prática escolar, levando a uma “formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar” (GATTI, 2010, p. 1372).

Quanto ao ensino profissional, as duas principais fragilidades de serem sanadas à época da expansão do ensino técnico são, primeiramente, a contratação de mão de obra suficientemente capacitada a dar conta dos cursos ofertados e a segunda está ligada à formação desse professor de maneira adequada para atuação em sala de aula (PACHECO, 2012).

Para os professores do ensino profissional, o Parecer CNE/CEB nº 2/97 (Brasil, 1997) dispõe sobre os programas de formação pedagógica de docentes para disciplinas da educação profissional em ensino médio, mas naquela avaliação dos cursos de licenciatura apresentada nos parágrafos anteriores, o estudo de Gatti aponta para uma ineficiência desse sistema. Em relação à educação profissional, a problemática é maior pois há a especificidade de formar o cidadão para trabalhar em um contexto profissional cada vez mais complexo (CORDÃO, LIMA, 2017).

Entretanto, além da formação pedagógica, outro fator que deve ser levado em consideração que é a formação inicial desse professor ser de caráter bacharelesco. Esse professor, geralmente vem do mercado de trabalho nas mais diversas áreas de atuação e "aterrissa" na escola que possui um mecanismo muito diferente do observado por ele em sua atuação anterior ou até mesmo concomitantemente.

É importante ressaltar que a profissão de professor não pode ser encarada como um “seguro-desemprego” enquanto esse profissional não encontra ocupação melhor para suprir suas necessidades financeiras e o magistério não pode ser visto como uma ocupação secundária (GATTI, 2010).

Para que isto não aconteça, é necessário o estabelecimento de processos de formação continuada que apoiem a produção de conhecimento, através de grupos de pesquisa vinculados à formação desses profissionais. Também é importante o estabelecimento da interdisciplinaridade como fator de integração curricular nos cursos de ensino técnico. Dessa forma, o professor não aparece somente como uma figura mediadora do conhecimento, mas como corresponsável pela concepção desse conhecimento (PACHECO, 2012).

Nessa perspectiva, o professor de ensino profissional é um dos responsáveis pela disseminação da prática de leitura profissional que seus alunos vão ter durante o período em que estão frequentando o curso técnico.

Neste quesito, é importante ressaltar a importância da estruturação dos eventos de letramento. Esses eventos não devem ser tratados única e exclusivamente pelos professores de língua portuguesa e outros idiomas, mas devem ser formatados como prática social e o produto dessa prática depende do planejamento de aulas diferentes das consideradas tradicionais. O professor ainda é o centro da disseminação desse conhecimento pois ele deixa de estar engessado ao cumprimento do currículo e precisa organizar uma dinâmica de exposição de conteúdos que leve em conta a relação com o ambiente onde essa turma está inserida (KLEIMAN, 2007).

Como já tratado largamente ao longo desta pesquisa, o letramento tem um cunho social que deve ser levado em consideração na ambientação do conteúdo trabalhado, principalmente partindo de uma realidade conhecida pelo aluno para que ele possa se apropriar desse conhecimento e, por fim, transformá-lo em um produto seu. Quando o aluno se apropria da linguagem, ele entende a importância dela em sua vida e termina praticando naturalmente no seu dia-a-dia.

A escola deve trabalhar o letramento adquirido e construir novos letramentos a partir dos eventos de letramento que estimulem essas práticas, sempre contextualizando com a bagagem do aluno (BARTON, 1994).

Ainda nessa mesma linha de pensamento, Lima (2018), ao estudar como os diversos gêneros textuais são trabalhados no ensino técnico, pontua que através das várias atividades realizadas em laboratórios, nas disciplinas técnicas acontece uma ampliação da possibilidade de contato para compreensão do propósito comunicativo naquela profissão em que o aluno está inserido.

Deste modo, não há como pensar em desenvolver letramentos escolares sem que isso passe necessariamente pela curadoria do professor que pode decidir quais conteúdos serão mais ou menos relevantes para aprofundamento em sala de aula, tendo em vista a formação do novo profissional que está em suas mãos. O professor do ensino técnico mais do que o professor do

ensino básico, tem a responsabilidade de treinar esse aluno para o mercado de trabalho, municiando-o de ferramentas para o desenvolvimento de suas futuras funções e, como já visto, a prática do letramento em sala de aula deve se aproveitar da bagagem desse aluno para construção do conhecimento.

E não há como falar em um só tipo de letramento como já ficou muito claro com os estudos sobre as mudanças nas formas de se trabalhar. Ler e escrever criticamente já são necessidades ultrapassadas e que obviamente são a base de todos os demais conhecimentos aos quais o aluno deverá desenvolver, mas para além do que é básico, o aluno também deve desenvolver o aprendizado mais voltado ao que as novas tecnologias apontam.

Pois então, esse leque de atuação do professor se estende, e muitíssimo, quando ele vai mediar esse conhecimento em diversas plataformas, em tantas quantas a modernidade exigir desse profissional em formação. Aqui, amplia-se a necessidade de formação adequada para esse professor, mas também se abre a oportunidade de se entender o conhecimento como algo em construção. A sala de aula se torna lugar de experimentação e apropriação desse conhecimento construído conjuntamente. Dessa forma, tanto aluno como professor precisam estar aptos a buscar as informações das quais necessitam, interpretar essas informações para então, alcançar o êxito na chegada ao produto básico da educação: o conhecimento.

O livro *Português Instrumental*, um dos principais manuais de redação profissional usado por professores de ensino técnico, traz muitos exercícios de produção textual voltadas à atuação profissional, como por exemplo: “Elabore uma carta tradicional sobre o não-recebimento de mercadoria solicitada, transformando-o, depois, em correspondência moderna” (MARTINS e ZILBERKNOP, 2004). Esse tipo de exercício traz respostas hipotéticas e descontextualizadas que, como já abordado amplamente, não fundamentam a ação do escrever e produzir algo com valor social.

Discutir se essa é uma atividade adequada ou não pode trazer um desconforto entre os defensores da educação mais tradicionalista e um desespero para os professores que estão buscando formas de ensinar seus conteúdos. O fato é que o mesmo exercício pode ser trabalhado tendo em vista a implementação de um evento de letramento que produza um significado social para a produção dessa mesma carta. Quando tanto o aluno, quanto o professor entendem o letramento como uma ferramenta para apropriação do conhecimento, a produção dessa carta começa a fazer sentido e, principalmente, se torna um desafio para ambos. Assim, o processo educacional volta a fazer sentido, que era a preocupação de Beck (2011) quando ele diz que a escola precisa se reinventar para que o aluno entenda que estar na escola pode, sim, fazer a diferença para sua formação pessoal.

O uso das teorias de letramento, letramento informacional e multiletramentos trazem diferenciais que podem estar passando despercebidos por professores que não possuem formação na área de linguagens, principalmente os professores do ensino profissional que são os professores alvo dessa pesquisa.

Dessa forma, Peterossi (2017) demonstra grande preocupação com a formação dos professores de ensino profissional porque estes possuem sua principal formação para a profissão a qual se prepararam para atuar primeiramente. Depois, chegam ao ensino profissional já atuando em sala de aula, muitas vezes sem uma formação pedagógica como a legislação já prevê.

“(...) a formação de professores para o Ensino Técnico aponta para a dificuldade em se caracterizarem as especificidades desse profissional, bem como a sua identidade, quando analisadas a partir da formação de professores para a educação básica tal como praticada nas licenciaturas. O desafio maior é definir o que é a profissão de professor de Ensino Técnico e o que a diferencia do professor licenciado da Educação Básica” (PETEROSSO, 2017, p. 106).

Logo, é um desafio entender qual a importância que esse professor de formação estritamente técnica dá para a leitura e escrita em sua aula, bem como, qual a valorização ele dá para as produções textuais voltadas para a pesquisa e novas formas de comunicação trazidas pelas novas tecnologias. Como visto, o letramento é uma condição social e para a escola somente resta ofertar e estruturar bons eventos de letramento para conseguir aprimorar as habilidades de leitura e escrita desses alunos.

É necessário entender como o professor de ensino profissional conduz essas atividades de leitura, escrita e pesquisa e o que ele prioriza em suas aulas. Entender como ele situa sua responsabilidade no aprimoramento dessas habilidades fará com que seja possível investigar a importância que essas habilidades têm para as suas profissões e qual o impacto de ser mais ou menos letrado trará para seus futuros profissionais.

4.1. Método de Pesquisa

Para realização deste estudo, optou-se pelo método de pesquisa descritivo com a abordagem qualitativa, pois confronta a revisão bibliográfica à pesquisa de campo realizada através de entrevistas com professores de disciplinas técnicas na Escola Técnica Parque da Juventude, do Centro Paula Souza, na cidade de São Paulo.

“O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Presente em 322 municípios, a instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 294 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos (SOUZA, 2020).”

A Escola Técnica Parque da Juventude é uma das escolas geridas pelo Centro Paula Souza. Em 2019, a unidade contava com doze turmas de Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (ETIM), nos cursos de Administração e Informática para Internet e sete turmas do Curso Técnico em Enfermagem e uma turma do Curso de Qualificação em Consultor de Vendas Especializado em Perfume, no período diurno. No período noturno, eram três turmas em cada um dos cursos de Museologia e Logística, duas turmas em cada um dos cursos de Administração e Biblioteconomia. Além desses cursos, também havia uma turma de Qualificação Profissional em Agentes do Brincar, aos sábados, bem como, três turmas do curso Técnico em Administração na modalidade semipresencial.

Sob a administração desta ETEC, estão os cursos ministrados na extensão CEU Jaçanã, que em 2019 contava com quatro turmas do Curso Técnico em Administração e três turmas do Curso Técnico em Serviços Jurídicos.

Essa é uma pesquisa qualitativa pois segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.376) o objetivo deste tipo de pesquisa é “compreender e aprofundar fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto”. Corroborando com o conceito apresentado, essa pesquisa visa investigar, através de entrevistas em campo, como os letramentos estão sendo entendidos e trabalhados por professores no ensino técnico.

A amostra de pesquisa são professores de disciplinas técnicas, pois conforme Kleiman (2007), a condução de eventos de letramento não deve ser feita apenas por professores de línguas.

A amostra de pesquisa é homogênea, ou seja, é composta por indivíduos com as mesmas características, para que possamos focar nas situações de letramento. A característica comum desses indivíduos é: todos são docentes da ETEC Parque da Juventude e lecionam mais de um componente da base técnica de algum dos cursos ofertados pela unidade. Dessa forma, foram selecionados para pesquisa: os coordenadores dos cursos de Administração e Serviços Jurídicos da Extensão CEU Jaçanã, os coordenadores dos cursos de Enfermagem, Administração e Logística, bem como professores dos cursos técnicos em Biblioteconomia e dos Ensinos Médios Integrados com os Cursos Técnicos de Informática e Administração (ETIM's). Os

coordenadores de curso, também lecionam componentes técnicos e somam 3 professores. Para compor o restante da amostra, os outros 9 professores foram selecionados, 5 por serem concursados e os outros 4 por estarem em contratação por período determinado. Essa amostra provisiona uma visão panorâmica dos tipos de contratação e perpassa por todas as modalidades de contratação de docentes praticadas na escola.

É preciso ressaltar que essa amostra também é caracterizada como amostra por conveniência já que estes indivíduos foram escolhidos por conta do acesso mais facilitado já que a pesquisadora também leciona nesta unidade de ensino.

A metodologia de entrevistas foi escolhida por conta do caráter social que os letramentos e os multiletramentos carregam em sua definição e tendo em vista todas as dificuldades que se impõem nas medições dos letramentos individuais, como explicado por Soares (2017). A investigação através de perguntas em ambiente menos formal, possibilita a troca de informações e possibilita também o estudo das falas dos participantes.

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento principal a condução de entrevistas abertas, ou seja, aquelas baseadas em um roteiro flexível para que os participantes expusessem da melhor maneira suas experiências. Nas pesquisas qualitativas, Sampieri et. al. (2013) sugerem que as perguntas feitas sejam abertas e neutras para que as opiniões sejam o mais detalhadas possível.

Dessa forma, o roteiro de entrevistas desta pesquisa foi composto por perguntas gerais (formulações mais globais), exemplificativas (para contextualização do fenômeno estudado), estruturais (relação dos conceitos a serem estudados) e de contraste (para classificação do fenômeno).

Para instrumentalizar essas entrevistas foram utilizadas as seguintes ferramentas: gravação eletrônica das entrevistas e anotações no diário de bordo de pesquisa durante e logo após cada uma das entrevistas. A utilização desses instrumentos faz com que a análise qualitativa seja aprimorada, pois tanto a gravação quanto as anotações permitem que o entrevistador revise os dados coletados, possibilitando o cruzamento dessas informações. A esse procedimento de cruzamento de informações é dado o nome de triangulação (BORTONI-RICARDO, 2008).

A análise dos dados aferidos ocorreu a partir da metodologia de desenho emergente, pois ao analisar os dados o pesquisador pôde categorizar as informações para construção de sua teoria (SAMPIERI et. al, 2013). O modelo foi o que melhor se adequou ao proposto por essa

pesquisa já que o questionário utilizado era composto por perguntas abertas e os dados necessários para entender melhor quais serão os rumos da pesquisa.

Ainda assim, Bauer e Gaskell (2008) trouxeram a possibilidade de análise a partir de narrativas expressadas pelos entrevistados já que contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana. Verificar as histórias que os participantes expressaram em seus relatos, tornou o processo ainda mais palpável dado que as teorias de letramentos e multiletramentos conduzem a esse aprendizado a partir de suas práticas sociais.

Dessa forma, o processo de análise pautou-se totalmente nas falas dos entrevistados para contraposição dos teóricos estudados e proposição de melhorias nos processos educacionais que envolvam práticas de leitura e escrita para o exercício profissional.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

O presente capítulo consiste na análise das entrevistas realizadas com doze professores especialistas das áreas de Administração de Empresas, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Direito, Enfermagem, Propaganda e Marketing, Publicidade e Propaganda que atuam como docentes na Escola Técnica Parque da Juventude na Cidade de São Paulo.

Foram realizadas entrevistas com os docentes em períodos de intervalos de aulas, nas unidades de ensino da ETEC Parque da Juventude, entre o dia 30/08/19 e o dia 03/10/19. O roteiro de entrevistas está no Apêndice A e traz questionamentos relacionados aos dados do INAF já apresentados no Capítulo 2, bem como, questões em relação a atuação desses professores em relação à condução de atividades de leitura, escrita, interpretação de textos e uso de diversidade de textos para pesquisas nas áreas técnicas em que estes professores atuam.

Para efetuar a análise dos relatos fornecidos pelos professores entrevistados, foi usado como base o livro “A formação do Formador”, volume 10 da Coleção Fundamentos e Práticas em Educação Profissional e Tecnológica (PETEROSSO e MENINO, 2017). Neste material, os autores investigam aspectos da formação de professores para educação profissional e, dessa forma, serão alinhados os conceitos de formação do professor para educação profissional com as teorias de letramentos e multiletramentos estudadas nos Capítulos 1, 2 e 3.

O primeiro ponto a ser analisado é a identidade do professor de ensino técnico. Peterossi e Menino (2017) indicam que pensar a identidade desse professor é fundamental, pois esse profissional tem sua lógica voltada à produção e ao mercado produtivo na área em que ele se graduou. Voltar sua identidade para as demandas da escola em que atua torna-se fundamental para que a formação desse aluno seja adequada às demandas da sociedade (PETEROSSO e MENINO, 2017).

Os doze professores entrevistados provêm das mais diversas áreas de atuação, conforme quadro abaixo (sendo consideradas mais de uma formação para o mesmo professor):

Tabela 1 – Graduação dos Professores Entrevistados	
Professores	Graduação
3	Administração de Empresas
1	Análise e Desenvolvimento de Sistemas

2	Biblioteconomia
2	Ciências Contábeis
1	Ciências Econômicas
1	Direito
2	Enfermagem
1	Propaganda e Marketing
1	Publicidade e Propaganda

Tabela 1: Graduação dos Docentes Entrevistados (elaborado pela autora)

Todos os professores entrevistados possuem pelo menos uma especialização *Lato Sensu* na área de sua graduação, alguns possuem mais de uma graduação, sendo que uma das entrevistadas possui habilitação para lecionar matemática para o Ensino Médio, possuindo, então, uma licenciatura.

No Centro Paula Souza existem duas modalidades de contratação de professores. A primeira se refere à contratação por tempo indeterminado que consiste em aprovação em concurso público e este docente somente é desligado da rede caso todos os cursos em que leciona deixem de existir ou por vontade própria. A segunda modalidade é a contratação por tempo determinado. Nessa opção, o professor é contratado pelo prazo de um ano, podendo ter seu contrato renovado por mais um ano, sendo o profissional desligado compulsoriamente no final do segundo ano de seu contrato. Nesta pesquisa, quatro professores entrevistados são contratados por tempo determinado e os outros oito são contratados por tempo indeterminado.

Estas formas de contratação vão ao encontro do relatado na teoria em relação às condições de recrutamento e formação dos professores são determinadas pela demanda.

É necessário que exista a oferta dessa modalidade de ensino para que se coloque o problema qualitativo e quantitativo dessa demanda, que, por sua vez, tem relação direta com as políticas públicas de profissionalização e emprego, de desenvolvimento econômico e tecnológico. (PETEROSSO, MENINO, 2017, p. 104)

Outra característica da instituição que merece ser ressaltada são as diferenças entre os cursos ofertados. Existem duas modalidades principais: os cursos modulares e os que oferecem a modalidade técnica concomitante com o ensino técnico, os ETIM's (Ensino Técnico Integrado ao Técnico). As certificações oferecem aos alunos o mesmo grau de atuação, pois nos dois casos esses alunos são certificados como técnicos na habilitação a que se dedicaram em seus cursos.

Para os professores, essas diferenças se refletem nas abordagens dos conteúdos. Os alunos que cursam ensino técnico ao mesmo tempo que cursam o ensino médio, por conta da

faixa etária, entre 14 e 18 anos, não possuem experiência profissional e, isso demanda do professor uma dedicação diferenciada para abordar os conteúdos técnicos. Já para o modular, a dedicação do professor se volta para o caráter nivelador já que estes alunos estão em faixas etárias, níveis profissionais e experiências diversificadas que dificultam o trabalho do professor.

Peterossi e Menino (2017) indicam que o maior desafio da formação do professor do ensino técnico é a definição do que diferencia este do professor licenciado da educação básica já que

“o processo de construção da identidade do professor de ensino técnico apresenta uma dimensão interna, ou seja, o conjunto de competências disciplinares, didáticas e pedagógicas, uma dimensão externa é que a percepção da posição social do professor e um dimensão transversal e ética, por meio da qual alunos e instituição de ensino atribuem significado e se relacionam com esse professor” (PETEROSSO e MENINO, 2017, p. 107).

Dessa forma, serão apresentados nesta pesquisa fatores que evidenciam essas dificuldades, bem como, dados que mostram as características desses professores analisados. Esses recortes são necessários para que se possa verificar a predisposição que esses professores têm para o trabalho dos letramentos e multiletramentos, ainda que eles não saibam identificar essas teorias e demandas. A primeira análise se refere à faixa etária desses professores.

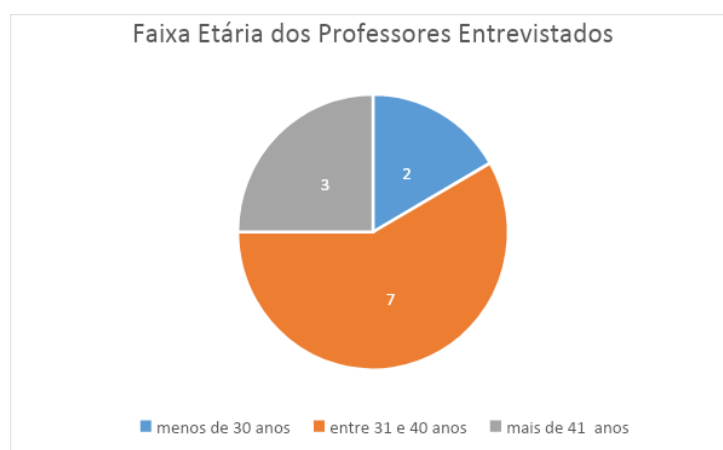


Gráfico 1: Faixa Etária dos Professores Entrevistados

Os professores entrevistados em sua maioria estão entre 31 e 40 anos, sendo cinco professores e sete professoras.

Outro aspecto importante de ser trazido à tona são os períodos que estes professores se dedicaram ao mercado produtivo antes de começarem a lecionar e o tempo que se dedicam ao magistério.

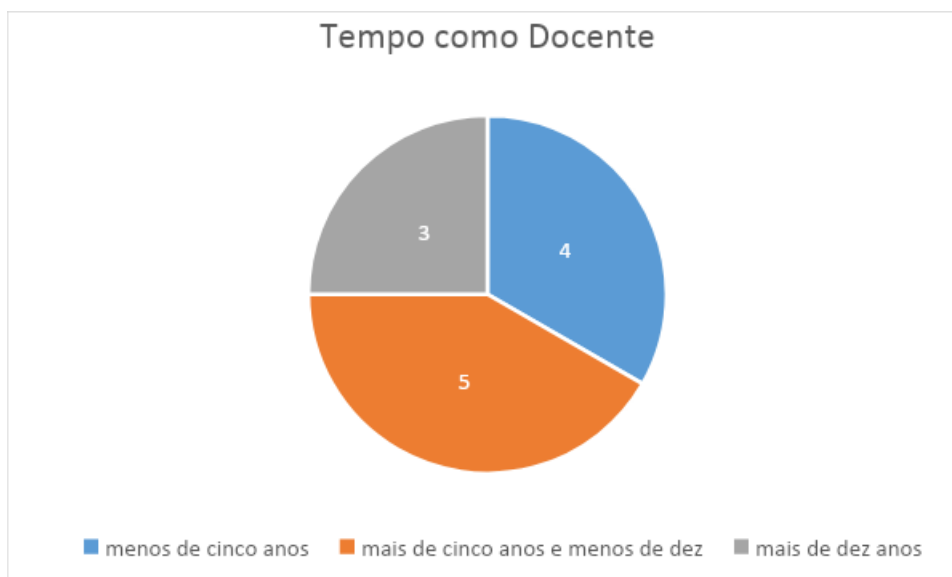


Gráfico 2: Tempo como Docente

Entre todos os professores entrevistados, quatro lecionam concomitantemente em outras escolas, sendo que dois lecionam também em faculdades. Sete professores dentre os entrevistados lecionam apenas na unidade escolar.



Gráfico 3: Tempo atuando no Mercado Produtivo

Os professores que possuem outras formas de renda que não a docência são cinco, sendo que apenas dois destes estão em regime de contratação por tempo indeterminado. Essa verificação é importante tanto para avaliar o alinhamento desse profissional com o mercado produtivo, tanto para o tempo que esse professor tem para se dedicar à docência.

Peterossi e Menino (2017) relatam que a grande maioria dos professores do ensino técnico com experiência de mercado do trabalho são considerados aptos para ministrar

disciplinas técnicas e que, a legislação indica que estes podem realizar formação pedagógica complementar. Dentre os professores entrevistados, seis possuem formação pedagógica.

Esse fato corrobora o pensamento dos mesmos autores quando sinalizam que “a grande maioria dos professores do ensino técnico traz na sua bagagem de formação apenas a experiência profissional vivenciada ou o próprio curso profissional” (PETEROSSO e MENINO, 2017, p. 42).

A próxima etapa desta pesquisa será analisar as falas dos professores para contrapor os pontos estudados nos capítulos 1, 2 e 3.

Para nomear os entrevistados e melhor situar suas falas, serão usados nomes de grandes escritores brasileiros: Ana Maria Machado, Ariano Suassuna, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Lygia Fagundes Telles, Maria José Dupré, João Cabral de Melo Neto, José Mauro de Vasconcelos, Rachel de Queiroz, Cora Coralina e Ziraldo Alves Pinto.

Primeiramente, é preciso posicionar o leitor em relação à diversidade de linguagens utilizadas em sala de aula pelos professores em relação às suas atuações diárias. Cada curso tem percursos muito específicos e diversos e isso se traduz nos relatos:

Lygia: Se eu perguntar para eles, por exemplo, o que é um diabetes? Eles vão ler o que é um diabetes, eles vão copiar e colar e me explicar aquilo. Eles não vão conseguir ir atrás e pesquisar e me explicar o porquê do diabetes sem ler aquilo que eles leram na internet.

Ziraldo: Tinha lá um gráfico simples, por exemplo, falando da população, isso aconteceu a semana passada. Da população de São Paulo, o que era a faixa, o que eram os moradores da cidade, moradores, né? Urbanos. O gráfico de região urbana e de região rural. São Paulo tem o mínimo de região rural, aqui o município, então, era meio que assim, nulo e eles não conseguiam interpretar.

José Mauro: O aluno tem que analisar a história toda, qual é a sua necessidade, o modelo de negócio da instituição e tentar disso tudo ver o que você tem de orçamento e escolher o que cabe no bolso da instituição.

Ana Maria: Na área de tecnologia, uma parte muito forte que a gente precisa é a análise de informação, de ler, de entender o que está acontecendo. Se você não entende, você não consegue programar.

Carolina: Em empreendedorismo e inovação, eles têm que ler muito, por incrível que pareça, só que eles têm que ler o cliente. Eles têm que ter essa interpretação de analisar o que o cliente quer realmente.

Rachel: A escrita em enfermagem é muito técnica. Então, fica muito resumido e fica certo. Mas quando eu tenho que falar com o paciente ou quando eu tenho que explicar o que eu vou fazer aí já muda de figura. Aí, ele tem que ter mais argumentos, ele precisa de mais conhecimentos.

A partir da análise desses primeiros relatos é possível entender que não existe a possibilidade de se tentar um alinhamento padrão para atuação desses professores. Por isso, se torna importante adicionar a esses relatos apresentados a diversidade de gêneros textuais trabalhados por esses professores em sala de aula. Nos relatos trazidos foram pontuados os seguintes gêneros textuais: resenha crítica, artigos acadêmicos, entrevistas de emprego, resumos, provas, formulários estatísticos, apresentações orais, estudos de caso, redes sociais, resoluções e legislações, manuais, desenvolvimento de softwares, produções audiovisuais, realização de projetos e workshops, bem como, aplicativos como Googleclass.

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008).

A definição de gêneros textuais aponta para o uso comunicativo diário e a diversidade de gêneros textuais trazidas nos relatos dos professores mostram o quão importantes são as intervenções deles a fim de tornar o alunado mais ativo no aprendizado. É preciso pontuar que alguns gêneros que mostram um aprofundamento nas habilidades de linguagem, como: debate apoiado em bons textos das áreas, bem como leitura em voz alta ou intercâmbio de textos produzidos pelos próprios alunos, por exemplo, não chegaram a ser citados pelos professores, embora pode-se verificar uma diversidade imensa de gêneros trabalhados com esses alunos.

Verificar que os professores conseguem entender a necessidade de aplicação de atividades diversificadas mostra o quão alinhados estes estão com os conceitos de Peterossi e Menino (2017) quando exprimem que os professores devem estar preparados para “para trabalhar em equipe, organizar um ambiente tecnológico propício à aprendizagem dos alunos, criar e aplicar estratégias de comunicação e ensino, delimitar e redefinir um conteúdo ou habilidade técnica de forma a torná-los um objeto de aprendizagem para o aluno” (PETEROSSO e MENINO, 2017, p. 109).

Dentro da criação de estratégias para o ensino, o professor Ariano entende a necessidade de se distanciar de textos muito teóricos e complexos:

Ariano: Que atribuições eu gostaria que o aluno entendesse com aquele texto, né? O que eu pretendo atribuir a ele, né? Então, às vezes um texto menor vai despertar a curiosidade dele buscar respostas maiores, até pertinente ao assunto. Aí, vai dar o tal processo de investigação e despertar a curiosidade.

O relato do professor mostra a necessidade que ele possui de que o aluno se aproprie do conhecimento mesmo que ele tenha de voltar algum passo para que seu objetivo seja alcançado.

Em outro momento o professor parece refletir sobre a necessidade de uma produção escrita mais complexa ou não necessariamente de se utilizar dessa ferramenta para apropriação do conhecimento:

Ariano: Eu sinto a dificuldade dessa limitação em querer essa produção escrita, né? Por quê? Porque ele vai precisar de uma orientação. Até mesmo, como seria essa escrita? Por meio de narração, dissertação? E, isso, eu vejo que essa dificuldade, esses alunos vão trazer desde o ensino fundamental. Eles não são conhecedores, né? Dessa escrita, dessa linguagem. De produzir e interpretar, o que ele sente, o que ele vê, o que ele leu, né? Tem a grande dificuldade e o que eu vejo é que eles chegam querendo colocar tudo em formato de tópicos.

Vemos um relato parecido em:

Clarice: Mesmo que você dê o modelo, por exemplo, o modelo de projeto que tem uma introdução, um objetivo, justificativa, ele tem muita dificuldade. Mesmo que você explique o passo a passo. Porque, primeiro, é algo que ele não, talvez não vinha utilizando nos anos anteriores da formação dele, né? Das escolas que ele passou. Então, ele não, realmente, não sabe aplicar. Então, cabe aos professores estimular isso.

A professora entende a dificuldade de seu aluno, mas não se exclui da responsabilidade de orientá-lo para que ele consiga se apropriar daquela forma de produção de conteúdo. Essa é outra vertente que precisa de um olhar atento, pois em alguns relatos, os professores se distanciam da responsabilidade de orientar seus alunos, culpando a má formação anterior ou a postura desse aluno, como vemos em:

Lygia: É a falta de maturidade junto com a falta de interesse de poder melhorar o seu conhecimento. Para eles é assim: basta ter o papel que eu estou formado e o que eu sei ou deixo de ser já está bom demais.

O relato da professora Lygia é corroborado pela professora Maria José:

Maria José: Eles não conseguem entender.... eles não entendem... eles só leem como se fossem uma máquina. Quando você faz uma pergunta, quando você fala para eles a relação de uma coisa com a outra, eles ficam pensando: ué, mas era isso? Então, eles não entendem mesmo a compreensão de texto.

Nessa perspectiva, é preciso apontar a posição do professor quando lhe é apresentado o dado de um estudo. A primeira questão do roteiro estava relacionada aos dados do INAF que apontam que 45% dos alunos egressos do ensino médio estão em condição de alfabetismo funcional. Quando esta afirmação foi feita para os doze professores, apenas dois se mostraram incomodados com os dados e apresentaram questões sobre como a pesquisa foi efetuada. Para o restante dos professores este dado foi aceito tranquilamente e, em alguns casos, reforçado, inclusive com exemplos:

Carolina: pela situação que vejo, só aqui, por exemplo, eu imaginaria que é muito mais.

Zirald: Difícil, né? Porque como você vai conseguir... porque se você não consegue assimilar informações...

Maria José: Eu acho que eles saem do ensino médio empurrados, eles não saem entendendo o que eles estão lendo.

Fernando: Bem eu acho que se a gente pensar que terminar o ensino médio com esse nível de analfabetismo, é complicado.

José Mauro: Pelo que eu vejo aqui e também na faculdade, eu acho que isso é muito preocupante e uma grande verdade mesmo.

Clarice: Eles, sim, apresentam uma grande defasagem, claro, não a totalidade da sala, mas uma dificuldade de escrita.

Ana Maria: Faz sentido, faz sentido. É um pouco assustador pensar que 55% não terminam, mas pelo que a gente vê, muitas vezes, é um número que não está tão fora.

É importante ressaltar que o estudo do INAF apresenta um dado que faz alusão à atividade do professor e, talvez por isso, estes professores tenham se sentido tão confortáveis em aceitar o dado apresentado. Porém, o próximo relato demonstra um certo incômodo e questionamento em relação ao dado apresentado:

Ariano: O que eles levaram em conta? O que foi observado? Porque eu também tenho que ter cuidado em padronizar. A forma de avaliação tem que ver, que parâmetros, que evidências eles estão considerando para enquadrar essa amostra de 45% de alfabetizados funcionalmente. Então, eu não vou dizer que está errado. Precisaria observar, né? Vou falar, eu não duvido, mas antes de partir para uma pesquisa mais apurada e eu acho que é interessante ver isso aí, também, o que foi

enquadrado nessa amostra e qual o olhar deles. O que foi observado e o que foi avaliado.

Esse relato é importante para ressaltar o olhar questionador que o professor tem em relação ao um dado que lhe foi apresentado. Isso é importante pois Peterossi e Menino (2017) indicam que nas escolas técnicas existe uma descontinuidade da formação do aluno, já que o ensino básico privilegia a formação individual e o técnico está voltado a integração de normas sociais e voltadas para a preparação do trabalho. O olhar pesquisador se torna importante para que esse professor o replique em sala de aula.

A segunda questão da entrevista estava voltada para a atuação do professor em relação a apropriação da leitura, interpretação de textos e escrita em sala de aula e a terceira questão estava ligada para a atuação do professor em relação a orientação dos alunos para aprimoramento dos textos produzidos.

Embora, todos os professores tenham se mostrado predispostos a orientar seus alunos na melhor produção de textos escritos, indicando equívocos em relação à grafia, acentuação, pontuação e outros aspectos da língua escrita, muitos relatos ressaltam certa dificuldade em conduzir essas questões:

Ariano: acabo, dentro do meu conhecimento, sim, fazendo essas correções, né? Faço essas correções como uma necessidade. Necessidade de, poxa, meu papel é ajudar a melhorar. Então, por mais que eu veja ali, opa, não me atribuir a essa função de correção, né? Mas eu assumo esse compromisso.

Ziraldo: Encaminho para eles e peço para eles colocarem, né? Enfim, fazerem uma atividade em cima daquele texto que eu entrego para eles e eu percebo que há erros de concordância, erros de grafia. Procuo fazer essa pontuação e, só assim, às vezes eu enxergo isso como uma falha minha como professor, por que chega uma hora que você desiste porque ou você passa a dar nota no que o aluno está de uma certa forma sofrivelmente, vamos dizer de forma sofrível, entregando para você.

Alguns relatos mostram a noção de conhecimento do conceito preconceito linguístico, mesmo sem saber nomear. Bagno (2015) define como preconceito linguístico a confusão que se faz entre o domínio da escrita e da fala dentro das regras gramaticais convencionadas como padrão da língua e o conhecimento que o indivíduo possui e talvez não saiba reproduzir dentro desses regramentos padronizados. Dá-se o nome de preconceito porque é preciso distanciar a falta de domínio da linguagem padrão do conhecimento por trás da representação talvez não adequada com o que se é esperado. Os relatos dos professores indicam preocupação com esse fato:

Clarice: Eu corrijo na prova, na atividade. Eu coloco lá, eu corrijo a palavra, né? Somente quando eu não entendo, aí coloco uma interrogação e quando eu vejo da palavra errada, eu faço a correção. É importante para ele, né? De repente, a vida inteira ele achou aquela palavra tinha aquela escrita e na verdade não é?

Fernando: Então, você fala: ó, cuidado com a escrita! Cuidado com a pontuação, a gramática! Olha os verbos, né? Então para TCC, eu vou bem mais a fundo, para pegar, geralmente, são em duplas ou trios, daí eu chamo individualmente um por um para fazer esse acompanhamento.

João Cabral: Faço esses apontamentos e converso em particular com o aluno. Inclusive, na hora da avaliação, eu peço para o aluno sentar do meu lado e eu coloco algumas questões porque em determinadas situações você não deve expor o aluno, mas você colocar esses aspectos particulares com a finalidade, com o intuito de melhorar, com que ele cresça esse desenvolvimento pessoal, profissional, educacional, eu acho que é válido.

Gnerre (2009, p. 6) indica que “somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, têm acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio”.

Quando os professores trazem relatos que indicam preocupação com a orientação de seu aluno em relação ao uso da linguagem, isso denota o cuidado que eles possuem ao fazer com que esse aluno se aproprie do conhecimento e uso da linguagem.

Alguns professores entendem que o trabalho do professor de línguas é revisar o texto dos alunos como uma prestação de serviços de consultoria na área de redação e, não os orientar a seguirem aperfeiçoando sempre sua linguagem nas mais diversas formas de atuação e, por isso, também se perdem ao orientar seus alunos na confecção de seus próprios textos, como é possível ver em:

Cora: Eu fazia isso antigamente. Hoje, eu não faço mais tanto. E faço assim, quando é muito grotesco, né? Porque isso me tomava muito tempo, né? Eu começava a ler texto, principalmente eu que trabalho com orientação de TCC, eu começava a ler texto e corrigir texto. Eu levava horas e horas fazendo isso, né? E, para mim, ficou inviável. Hoje, eu recomendo eles terem contato com os professores de português da casa para que essa revisão seja feita com continuidade, né?

Em outros casos, o professor age de forma intuitiva:

Carolina: Não, em primeiro momento. A minha preocupação é entender (pausa) aquela história de... não sei exatamente como é que fala, né? Foi isso que você quis dizer? Antes de pensar na pontuação. Porque eu acho que a pontuação é fundamental, mas eles não conseguem minimamente escrever aquilo que está na mente. Então eu falo para ele vai e coloca no papel o que você quis dizer. Ah, então agora vamos colocar pontuação, vírgula, coesão, coerência para gente poder entender a frase. Eu acho que, não sei se é um passo atrás ou o passo a frente. Eu não sei, aí só você sabe. Não faço a mínima ideia.

A professora Carolina faz menção ao fato de a pesquisadora que realizou esta entrevista ser graduada em língua portuguesa e poder orientá-la se o procedimento adotado em suas aulas estão ou não de acordo com o aceitável em relação ao ensino de línguas. Existe claramente uma confusão entre o trabalho do professor de línguas como orientador da apropriação da linguagem

na prática e o possível detentor dos regramentos gramaticais. Embora, os professores entendam que o domínio da linguagem vem com a prática, muitos se sentem coagidos quando um professor de línguas está presente, como se estivessem sendo avaliados.

Outros relatos, trazem a importância de se ter um professor de língua portuguesa para auxílio de sua prática docente:

José Mauro: Os professores, quando têm, de redação, língua portuguesa, enfim, tem essa preocupação de voltar um pouco atrás para recuperar, tentar recuperar ou corrigir algumas coisas para seguir, né?

Ariano: Eu peço a ajuda do professor ou professora que tem ali até mesmo habilitação, até mesmo que está autorizada a trabalhar isso com maior propriedade que eu.

Em outra ponta, houve também a preocupação com o que o mercado exige do aluno em relação ao domínio da linguagem escrita:

Rachel: Tem deficiências que... são de trás, né? Do tipo assim, não foi alfabetizado mesmo. A gente fica tentando fazer ali, um lego para completar o que ele precisa para ele sobreviver como profissional. Porque no mercado de trabalho, a grande maioria das provas são escritas, nem todas são de múltipla escolha e sempre tem uma parte que você tem que escrever alguma coisa, né? Ou sobre legislação ou sobre conflito e aí, o que acontece? Quem está no RH não tem uma visão de professor. Ele tem uma visão de empresa, se você minimamente não escreve com uma letra razoável e com uma pontuação. Até pode ter um errinho ou outro, a pessoa ainda tolera, mas se for muito grosseiro, ele não vai ser aprovado por causa da questão do português.

Esse relato vai ao encontro do pontuado por Delgado-Martins et. al. (2000), no capítulo 2, quando os autores refletem sobre os textos cobrados em entrevistas de emprego e ressaltam

que, talvez, os textos pedidos e avaliados não estejam necessariamente voltados às habilidades exigidas para o cargo ao qual esses candidatos estejam pretendendo.

A última questão feita na entrevista estava diretamente ligada ao fato de o aluno conseguir efetuar projetos e pesquisas utilizando-se das ferramentas possíveis. Nesse aspecto, a entrevistadora questionou aos professores se eles acreditavam que seus alunos tinham dificuldades em procurar informações para as pesquisas pedidas. Nessa vertente, a pesquisadora informou que pesquisas podiam ser algo mais do que trabalhos escritos, mas poderiam ser vídeos, podcasts, posts em redes sociais, para que os professores entrevistados pudessem relatar suas experiências com ferramentas diversificadas. A pesquisadora também perguntou se o aluno após localizar as informações que necessita para suas pesquisas, se ele consegue as interpretar e produzir a pesquisa solicitada.

Em relação a localização das informações, os relatos dos professores se desencontram:

Carolina: Vamos colocar assim: Gente, eu tô dando... eles têm (dúvidas) do básico até a parte de encontrar. Gente, eu tô deixando um link de vídeo, é capaz de eles escreverem assim: Professora, não encontrei o link.

Ariano: Vai precisar de uma intervenção, às vezes, do professor. Porque você fala: pesquisa isso daí... e vai chegar alguns. Eu quero que produza isso, daí... vão chegar alunos te perguntando se é o caminho que tá (certo). Se são os caminhos que podem chegar a uma solução possível.

Lygia: Eu vejo a dificuldade deles em conhecer os métodos de pesquisa. Para eles jogar no Google e colocar lá o tema já é a pesquisa e eles acabam trazendo até mesmo coisas que não são válidas.

Enquanto estes professores relatam essa dificuldade em localizar e triar informações, outros não acreditam que selecionar as informações seja um problema de fato:

Maria José: Não tem dificuldade de localizar porque tem muita informação. Eles têm dificuldade em entender do que eles estão escrevendo.

José Mauro: Encontrar, eu acho que não. Encontrar, eles conseguem encontrar bem. Eu acho que fica mais na questão da análise e da produção mesmo, né? Porque, às vezes, eles encontram a informação e aí, eu falo: tá! Mas você tem que tentar escolher o melhor, né?

A falta de prática leitora do aluno também surge como um fator condicionante à dificuldade de se localizar a informação adequada:

Ana Maria: No ETIM, a grande maioria consegue, mas têm alguns que você percebe que, por resistência, por falta de leitura, por falta de costume de leitura têm muita dificuldade. E isso, você percebe porque se propaga em todas as disciplinas. Esse aluno que não lê, que não gosta de pesquisar é que não consegue localizar a informação, ele vai ter notas mais baixas. Mesmo em matérias puramente técnicas. Teoricamente, nenhuma matéria é puramente técnica, né?

Nos próximos relatos, as professoras se mostram bastante preocupadas com a qualidade da fonte de pesquisa que os alunos utilizam:

Rachel: Quando você fala de pesquisa em ambiente científico, a ideia deles sobre isso é zero. Eles sempre preferem páginas abertas, sempre blog e aí você fala: então, não pode.

Cora: Eu falo para os meus alunos: gente, daqui a pouco eu vou estar vendo como referência bibliográfica um grupo de WhatsApp, né? (risos) tipo, ouvi no grupo do WhatsApp, né? De tão sem nexos que tá. E ele não têm essa visão acadêmica.

O professor Fernando adiciona que na sua área de atuação a competência de seleção de informações confiáveis é uma das competências mais importantes:

Fernando: Eu acho que essas técnicas, por mais que eles aprendam, eles não levam para a vida deles mesmo, né? Então, tipo, sempre em

todas as aulas, eu falo, enfim, repito sempre que fontes de informação e pesquisa é a base para qualquer aluno de técnico ou graduado em biblioteconomia. Se você não entende como selecionar, como você interpreta a informação, de certa forma você está defasado na área. Em relação a essa competência em informação, essa competência em encontrar, localizar e fazer a interpretação. Isso que o técnico, ele pensa o que? O técnico em biblioteconomia é a representação da informação. Se você não sabe localizar, tratar e representar isso, ou seja, interpretar, você está defasado. Então, essa é minha visão.

Como retratado no capítulo 2, a tecnologia tem mudado os rumos do trabalho nas últimas décadas e não há mais como conceber aversão às práticas que envolvam tecnologias, principalmente no que tange ao fomento de práticas criativas. Porém, alguns relatos vão na contramão dessa realidade:

Maria José: Eu não trabalho mais com powerpoint, agora tudo é ditado. Então, eles têm que entender, eles têm que começar a escrever mais.

João Cabral: Eu não costumo utilizar o trabalho digitalizado. Eu peço para eles manuscrito.

Mesmo assim, as mudanças que a tecnologia tem operado na sociedade não passaram despercebidas:

Rachel: Eu raramente uso caneta vermelha, sempre azul ou verde ou lilás, sempre uma coisa mais colorida, eu sempre coloco bolinhas onde está escrito errado, coloco uma setinha com a grafia certa, para eles entenderem a questão da pontuação também porque assim, ponto e vírgula é uma coisa que não existe mais, né? Eu acho que por causa das tecnologias, as pessoas escrevem tudo pela metade.

A dificuldade de acesso às tecnologias foi mencionada apenas uma vez:

Rachel: E eles acabam caminhando e realmente a gente consegue melhorar essa produção de TCC. Dá uma colaborada. Não fica perfeito porque às vezes a gente não tem tempo hábil, às vezes o aluno não consegue acesso para conseguir ver as coisas, às vezes a gente tem que dar umas ajudadas, mas assim, eles de um modo geral, o grupo consegue se desenvolver melhor do que aqueles que não leem nada.

Já o domínio dela pelo professor apareceu como uma necessidade para que este fizesse a mentoria necessária para sua prática docente:

Ariano: Não basta apontar a ferramenta, tem que saber que também, é nossa obrigação de ajudá-lo a usar a ferramenta. Muitos querem utilizar esse recurso e não passa o passo a passo.

E a necessidade de conhecer o grupo de alunos para saber como trabalhar com eles em sala de aula:

Rachel: Eu já tive algumas experiências com vídeo e eles fazem muito rápido, mesmo com um grupo de pessoas mais velhas na sala, os mais novos, meio que pegar a mão e coisa vai muito rápido.

José Mauro: Eu tento no grupo, mesclar pessoas que pelo menos já tiveram uma vivência prática porque aí você já sabe pelo menos como é que funciona e aí dá para melhorar aquele que nunca viu, né?

Um ponto muito salutar que foi trazido por muitos professores entrevistados é a pesquisa efetuada pelos alunos em final de curso denominada “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC). Nas unidades do Centro Paula Souza, ao fim de todos os cursos, os alunos devem apresentar um trabalho final que contemple uma pesquisa que vise uma melhoria em algum processo ou alguma inovação nas áreas estudadas durante o curso. Nos cursos que possuem três módulos, existem dois componentes para o desenvolvimento desse projeto: o Planejamento do Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC) e o Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (DTCC). Nos cursos que possuem dois módulos ou no Ensino Médio existem apenas um componente no módulo/ano final do curso, denominado Planejamento e Desenvolvimento do

Trabalho de Conclusão de Curso (PDTCC). Muitos professores se mostraram bastante preocupados com as habilidades desses alunos, principalmente para a confecção deste trabalho final:

Ziraldo: Eu fico até preocupado porque eles estão em fase de produzir o planejamento de TCC, onde tem que buscar dados, ter essa referência e aí eu fico sempre ali, ó, traz aí, mostra para o professor o que vocês estão pesquisando.

Clarice: Acho que a prática para eles hoje, ainda é muito mais fácil de eles executarem do que a escrita. Isso sem dúvida. Ele atinge os objetivos na prática, porém, a gente tem que entender que a escrita, ela é importante. Até um tempo atrás, os nossos workshops, a gente não fazia essa parte documental, que seria o projeto. Escrever o projeto do workshop, porque é uma atividade prática. E hoje eu já coloquei, inseri nesse contexto. Com todas as dificuldades. Então, é melhor que eles tenham um primeiro contato do que não ter. até porque, eles também têm o TCC e, muitos, por exemplo, a partir do segundo semestre dos cursos, das habilitações, eles já têm o PTCC, então com isso, ele já tem estrutura, né?

Os dois relatos demonstram que mesmo professores que não são responsáveis pela condução dos componentes de TCC se preocupam e desenvolvem projetos e atividades que preparem os alunos para essa etapa do curso.

Entre os professores que conduzem esses componentes, é latente a preocupação com o domínio de leitura que esses alunos devem possuir:

Carolina: Em TCC, por exemplo, eles têm que trabalhar isso de maneira muito mais profunda. Porque aí, os textos que eles têm que ler, eles têm que analisar, tem que ser críticos e tem que redigir comentários e opiniões sobre isso. Então, no início do TCC, é muito mais doído.

Fernando: Para TCC é fundamental. Então, a gente... para TCC a gente ainda dá para você entrar na parte de interpretação de texto, por conta da paráfrase, todos esses tipos de coisa. Modelos de escrita. Então, para TCC, eu cobro bem mais isso.

A criticidade necessária para se desenvolver esse projeto surge como um dificultador do trabalho do professor:

Carolina: Em um TCC, eles vão lá e entrevistam os alunos, eles acham que acabou ali. Na entrevista. Não, na verdade, é o quê que aquele aluno quis dizer? O que você consegue tirar disso? O que você consegue analisar desses dados? O que você percebeu na observação direta? Criticamente? Essa é a parte mais difícil para eles escreverem. Então, eles sabem copiar dados, mas eles não sabem descrever, discorrer sobre eles, assim.

Rachel: TCC é uma disciplina que no curso de enfermagem dá muito trabalho para o professor. Por quê? Porque quando eles colocam uma argumentação sobre qualquer fato que às vezes até está correta a argumentação, faltam palavras, falta justificar, falta escrever de forma que seja mais coerente, que não seja uma coisa de uma resposta pronta, né?

A dificuldade em se trabalhar com critérios de padrões acadêmicos também é ressaltada e os professores se colocam como parte necessária para condução desse aluno no desenvolvimento de um trabalho adequado:

Cora: Eles não têm base crítica também, né? E eu acho que isso não é culpa deles. Ninguém ensinou, né? Como que olha um artigo? Como que vê se aquele artigo é confiável ou não, qual a metodologia que foi utilizada? Você vai falar que metodologia que é e ele não sabe nem o que foi, né? Ele vai lá no site do blogueiro X... mas não é culpa deles. É culpa nossa que não estamos ensinando direito, né? ... Como

educadores, nós deveríamos também mostrar o caminho das pedras, né? Um dia, eu precisei passar por esse caminho, né?

A professora Clarice concorda com a dificuldade que até mesmos os professores têm em desenvolver a redação de pesquisas acadêmicas:

Clarice: Ele também tem que escrever um projeto de modo mais acadêmico e a gente percebe a grande dificuldade. É de se entender que você muitas vezes tem dificuldade. Até nós que somos professores sentimos uma certa dificuldade na escrita, né? Colocar as suas ideias no papel não é algo tão simples. Demanda muita leitura. Demanda tempo e dedicação para escrever porque é a única maneira que você realmente consegue desenvolver isso. O aluno naquela condição que ele trabalha, vem correndo para a noite trabalhar, dificilmente ele consegue se dedicar a essas questões.

Clarice foi a única professora que se mostrou preocupada com o peso que os fatores externos têm no desempenho desses alunos em sala de aula.

Clarice: O modelo que a gente utiliza, né? Mais tradicional de só prova, ele não surte tanto efeito porque é o momento muito estanque. Quando ele tem que pesquisar, que ele vai ter que buscar também solucionar, né? Deixar aquela condição de dependência do professor. Ser mais, ter mais autonomia, é aí que ele começa a aprender. É difícil, mas...

Martins (2018) infere que a atual conjuntura social propicia a “escassez de tempo”, tornando as pessoas esgotadas. O estudo do autor está ligado ao conceito de tempo livre para o lazer, mas entender esse esgotamento, principalmente no que tange a educação em período noturno, talvez seja um ponto primordial, até mesmo para aprimorar o desenvolvimento de ações integradoras que surtam efeito no aprendizado dos alunos.

Depois das referências sobre multiletramentos apresentadas no capítulo 3, entender que existem diversificadas formas de se apropriar do conhecimento e de se apresentar conteúdos que se utilizem da linguagem nas mais diversas formas é importante para a atuação tanto de

professores em sala de aula quanto de alunos no mercado de trabalho. O relato de Rachel ilustra essa vertente:

Rachel: Se a gente fala, o paciente entende, se a gente não fala nada com o acompanhante, com o paciente, com o médico, acaba, vira um caos, porque a gente não tem a informação concreta. Tem a parte escrita? É importante, mas aí a gente fala como técnica. A fala técnica é compacta. Às vezes a gente fala, fala, fala e quando olha para o paciente, ele não entendeu nada. Você tem que falar de um jeito que ele entenda, que se aproxime da realidade do paciente.

Em outra parte de seu relato, a professora ressalta a importância do desenvolvimento de práticas diferenciadas de apropriação do conhecimento:

Rachel: Quando a gente fala dos trabalhos mais voltados para áreas assistenciais, eles realmente se apropriam (do conhecimento). Porque com a execução que você pesquisa e você pede para eles demonstrarem isso na prática, com um vídeo, ou com uma fala, ou com uma simulação, aí eles decolam, porque aí, eles conseguem entender a importância daquilo. Eles conseguem realmente se apropriar. Então, é assim, se eu não tiver a execução daquela tarefa, fica uma coisa: olha, é o trabalho que a professora pediu. Ela pediu, para mim, fazer desse jeito e eu fiz. Está aqui, pronto! Agora se eu tiver que montar uma ação para orientar ou se eu tiver que fazer uma simulação de que eu estou executando essa tarefa, aí, ele tem certeza do que ele está fazendo.

Maria José também ressalta a necessidade de exploração de outras atividades, principalmente no que tange o desenvolvimento da linguagem oral:

Maria José: A grande maioria das atividades deles são de apresentação para mostrar um pouco mais do mercado de trabalho, entrevista, para uma reunião... eu acredito que nós somos responsáveis não só pelo que falamos, mas pelo que o outro entende. Então, eles têm que ter essa consciência. Então, no final das apresentações, a sala

inteira faz perguntas, respondem às perguntas em forma de dissertação sobre o que o amigo falou lá na frente.

Inclusive, Maria José é enfática:

Maria José: A grande dificuldade de todos os alunos não são as matérias de gestão, não são as matérias técnicas. É o entendimento do português e matemática. Claramente.

A professora Cora em uma tentativa de melhorar a situação, utiliza-se da seguinte metodologia:

Cora: Quando eu vejo que a sala está muito, muito ruim, eu sou a chata. Aí eu começo a dar muito texto, muito artigo para eles lerem, né? Daí eu mudo um pouquinho meu esquema de aula para trabalhar mais com artigos e menos com aquela coisa do professor falando ali na frente, né? Aí eu começo a mandar mais artigos para eles lerem em casa e a gente trazer a discussão para a aula.

A esse entendimento a professora Clarice adiciona:

Clarice: Eu sou professora do técnico, mas como professora vendo um erro, eu preciso apontar até para que ele não cometa novamente esse erro, né? Não é uma forma de excluí-lo, em pelo contrário, é uma forma de incluí-lo, né?

A professora ainda entende que demonstrar para os alunos a necessidade de se documentar as atividades realizadas é tão importante quanto os colocar para praticar os conceitos vistos em sala:

Clarice: Falando, praticando, mostrando o workshop, produzindo, né? Algo palpável. Então, muitas vezes para ele a questão só escrita, ela fica muito intangível, mas eles têm que entender que tudo que ele vai

fazer no modo tangível, a prática, tem que ter uma documentação, tem que ter um relato, tem que ter um registro.

Realizar esse registro de forma acadêmica, mais uma vez se demonstra um dificultador do processo de aprendizado:

Rachel: Não fica perfeito porque às vezes a gente não tem tempo hábil, às vezes o aluno não consegue acesso para conseguir ver as coisas, às vezes a gente tem que dar umas ajudadas, mas assim, eles de um modo geral, o grupo consegue se desenvolver melhor do que aqueles que não leem nada.

Antes de finalizar essa etapa de análise dos resultados, é preciso incluir três pontos que surgiram nos relatos dos professores entrevistados. Um dos pontos é a necessidade de acompanhamento dos professores com pouco tempo na docência. O segundo ponto trazido é a abordagem que a professora Carolina trouxe em relação às diferenças de sua atuação na docência de disciplinas técnicas e de uma disciplina da base comum do ensino médio (matemática) e o último ponto, a atenção à diversidade de alunos que os cursos técnicos que recebem, nesse caso, o relato aborda a questão dos refugiados.

O professor Ziraldo, a época da entrevista possuía oito meses de experiência como docente, trouxe a seguinte fala quando questionado se os alunos se sentiam confortáveis com seus apontamentos em relação aos seus textos:

Ziraldo: Eles gostam de colocar obstáculos, né? Na vida, vamos dizer assim. Ah, o professor está empatando. Daí para que eles não venham a desistir (do curso) ou gerar qualquer tipo de insatisfação que venha a chegar na coordenação, eu procuro fazer de forma sutil assim, escrever como uma espécie de motivação ou inspiração.

Peterossi e Menino (2017, p 109) estabelecem três categorias profissionais a serem observadas para o exercício do magistério: “dominar os saberes e práticas sociais de uma profissão técnica a partir do campo disciplinar definido; definir com precisão as atividades do aluno; preparar e realizar a sua atividade didática no campo disciplinar definido”. Dessa forma, a insegurança apresentada pelo professor em relação a questionamentos que, possivelmente,

cheguem à coordenação ou a prováveis evasões podem atrapalhar o desenvolvimento deste professor em sala de aula. Ressaltar esse relato traz a importância de se estabelecer métodos para oportunizar a melhoria da prática docente, principalmente em relação a professores em início de carreira.

O segundo ponto a ser trazido é a abordagem que a professora Carolina trouxe em relação à sua atuação como professora de disciplinas técnicas e as diferenças em relação à sua atuação como professora de matemática (disciplina da base comum do ensino médio):

Carolina: trabalho com empreendedorismo, inovação há cinco anos, cinco anos e meio, é, seis anos, vai fazer. Fez, sei lá. ÉÉÉ... E agora eu estou dando matemática para eles. Está escrito lá no programa. Tem um gráfico: calcule o valor de xis, eles olham para a minha cara assim: Professora, eu não entendi nada que é para fazer nesse exercício. O que que é para fazer? O que que ele “tá” perguntando? (riso) Exatamente, calcule o valor de xis. Mas esse xis é igual aquele xis? Não sei professora. Ai, desisto! Não nasci para essa vida!

A professora complementa com um exemplo de sua atuação:

Carolina: Na parte de matemática, a gente fala que a gente tem um momento zero. Converso com eles e falo: Gente, nós temos o momento zero, né? O momento zero é entender o que o exercício tá perguntando por que se você não entender o que ele “tá” perguntando, você não vai chegar a solução nenhuma. E eles têm um olhar muito focado para ENEM, aqui, ENEM e vestibular. Apesar de ser um colégio técnico. E o ENEM é completamente voltado para a interpretação. Então, eu começo com eles essa parte de primeiro vamos ler, todo mundo entendeu o que o problema quer

O relato da professora é interessante, pois demonstra um olhar preocupado com fatores externos que não são o mercado de trabalho já que o foco da disciplina de matemática, segundo a professora seria o acesso ao vestibular. Nesse contexto, o olhar do aluno também é diferenciado e distante do objetivo de formação técnica.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o momento de alinhamento da sala como um todo a fim de se conseguir o objetivo que é o aprendizado coletivo. Embora os professores de ensino técnico tenham trazido muitos relatos sobre experiências anteriores da turma, nenhum relato foi tão enfático em relação a essa necessidade quanto este trazido pela professora Carolina.

O último ponto a ser analisado foi o trazido pela professora Rachel ao falar de sua experiência docente com um aluno refugiado que possuía o francês, como língua materna. A professora relatou que existe a possibilidade de revalidação do diploma de profissionais estrangeiros e as dificuldades que esse aluno enfrentou para conseguir acesso a um emprego na área de enfermagem.

Rachel: o RG dele era de estrangeiro, ele foi para o hospital e aí o pessoal optou por não fazer a prova escrita. Fez mesmo meio que uma acareação, uma sabatina nele, via oral, ali, com uma pessoa anotando o que ele estava falando. Então, aquelas entrevistas práticas orais: você dá a pergunta, a pessoa começa a falar e a outra pessoa escreve e, aí, depois a gente lê para pessoa o que que ela escreveu: você quer acrescentar alguma coisa? E aí ele conseguiu superbem, ele passou, conseguiu entrar no hospital, enfim. Está superbem encaminhado.

Este relato traz uma riqueza de entendimento de adaptação das necessidades das pessoas a fim de adequá-las às áreas de trabalho. As teorias dos letramentos e multiletramentos estudadas ao longo desta pesquisa trazem a necessidade da abordagem social que a linguagem tem para o indivíduo. Quando existe esta preocupação de integração de um indivíduo, que possui claramente restrições de entendimento do idioma, existe também uma perspectiva de formar uma sociedade mais justa.

Incluir os indivíduos menos letrados dentro do padrão conceituado na sociedade é o exercício mais importante que os teóricos estudados nesta pesquisa trouxeram. Street (2018) relata que “tem-se reconhecido com frequência que as pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais, ao invés de simplesmente imitar aquilo que foi trazido” e, o relato da professora Rachel é uma evidente demonstração de como nem sempre o escrito realmente representa o entendimento do indivíduo em relação ao conteúdo informado em determinada situação.

Para finalizar, os relatos do professor Ariano apontam para a necessidade de reformulação de práticas que abarquem os multiletramentos como plataforma de atuação dos professores do Ensino Técnico. O professor não nomeia exatamente dessa forma, mas:

Ariano: eu enxergo um trabalho em equipe, um trabalho meu em sala de aula com aluno e são apontamentos que não encontramos ainda uma solução para essa geração aí, as gerações, né? Não só uma geração, temos muitas gerações aí no século XXI, até a geração alfa, né? (...) Temos muitos conflitos de gerações e a necessidade de se passar, analisar e estudar, verificar como cada uma aprende e hoje, eu acredito que se a gente tem essa preocupação, espero que futuramente a gente consiga diminuir esses índices de 45%.

O professor entende que as novas gerações estão surgindo com novas demandas e isso exigirá um alinhamento de expectativas sociais para melhoramento dos índices trazidos pelo INAF, comentados ao longo da pesquisa. A preocupação do professor se resume na fala:

Ariano: Às vezes essas pessoas chegam aqui, constroem uma história, constroem todo um processo e não sabem explicar essa história para outras pessoas.

O relato de Ariano vai ao encontro com o relato do escritor Rubem Alves ao contar sobre o processo seletivo para o doutorado de uma universidade em que ele trabalhava. Porém, no caso de Rubem Alves a perspectiva é a de formação do pensamento crítico:

Quando o candidato passava pela porta da sala, trêmulo, esperando as perguntas terríveis sobre a bibliografia, eu lhe pedia: “Por favor, fale-nos sobre aquilo que você gostaria de falar...”. Pensei que isso seria uma felicidade: falar sobre aquilo que pensavam! Foi não. Foi um choque. De tanto ler o que os outros pensavam, eles haviam esquecido daquilo que eles mesmos pensavam. (ALVES, 2008, p. 121)

Dessa forma, ler e escrever já não bastam como visto largamente nos estudos trazidos pelos teóricos de letramentos ou multiletramentos, mas desenvolver o pensamento crítico e saber se posicionar em relação às mais diversas demandas que a sociedade venha a trazer.

Para isso, o objetivo principal desta pesquisa foi investigar como as habilidades de letramento são conduzidas pelos professores especialistas do ensino técnico. A partir da análise dos relatos trazidos pelos professores pode-se ver que há uma necessidade de formação de

professores especialistas em áreas técnicas para entendimento sobre como as teorias de letramentos e multiletramentos podem ajudá-los na condução de suas aulas, bem como para a integração desses professores com os professores de línguas a fim de aprimorar a atuação de todos na formação de seu alunado.

Lima (2018) ressalta na conclusão de sua dissertação que os professores da área de linguagem entrevistados por ele relataram dificuldade em trabalhar de forma interdisciplinar com os professores da área profissional e tampouco estabelecer trocas de experiências e materiais. Como pôde-se verificar ao longo dos relatos, os professores aqui entrevistados reforçam a importância dos trabalhos dos professores de linguagem, porém não foi trazido em momento algum a importância do entrelaçamento das áreas através da formatação de atividades interdisciplinares que ressaltem a importância dos letramentos e multiletramentos.

Para finalizar este capítulo de análises dos resultados desta pesquisa, faz-se necessário refletir se a questão de pesquisa foi respondida. A questão desta pesquisa é: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula? A resposta depende da perspectiva analisada já que os professores entendem a necessidade de diversificar os textos apresentados para os alunos, mas em muitos casos, ainda estão atrelados à apresentação de trabalhos de pesquisa com formatação acadêmica e, invariavelmente, estes professores têm muita dificuldade de operacionalizar estes trabalhos já que não dominam ou conhecem as teorias de letramentos ou multiletramentos. Já quando, eles abordam as aplicações de atividades denominadas por eles como “práticas”, ou seja, aquelas oralizadas ou as não escritas dentro de padrões fechados, como os trabalhos acadêmicos, existe quase um consenso de que a apropriação do conhecimento se dá de forma mais facilitada já que deixa o aluno livre para explorar seu conhecimento sem as amarras que o texto escrito oferece.

O que se torna evidente é que os letramentos ou os multiletramentos que oferecem abordagens mais amplas e voltadas para o convívio social, principalmente, os multiletramentos que podem ressignificar o uso da linguagem em suas mais diversas formas de apresentação, através da exploração de trabalhos com imagens estáticas, vídeos, sons e textos que se utilizem das práticas modernas de apresentação, como reportagens multimídias, ou seja, aquelas que exploram texto, vídeo, imagens estáticas, podendo ser representadas em blogs, por exemplo, podem oferecer ao professor uma ampliação da apropriação do conteúdo pelo aluno. Utilizar-se dessas ferramentas para a ressignificação do domínio da leitura e da escrita é um caminho essencial para o profissional do século XXI e os professores do ensino técnico não podem deixar de se apropriar dessas ferramentas em sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar como as habilidades para os letramentos e multiletramentos são conduzidas por professores especialistas do ensino técnico e para isso, foi utilizado o método de pesquisa descritivo com a abordagem qualitativa, pois confronta a revisão bibliográfica à pesquisa de campo realizada através de entrevistas com professores de disciplinas técnicas na Escola Técnica Parque da Juventude, do Centro Paula Souza, na cidade de São Paulo.

É possível afirmar a partir da análise dos relatos dos professores que existe uma noção da necessidade de se proporcionar o estudo de diversos gêneros textuais, mas não é possível aferir se o aprimoramento da linguagem é um ponto realmente trabalhado por esses professores, apesar de a linguagem ser o código utilizado nas mais diversas interações das atividades trabalhadas em sala de aula desses cursos técnicos. Por isso, entende-se ser apropriado aprofundar futuramente esse viés de análise a fim de entender qual o papel da linguagem na prática diária desses professores.

Como objetivos auxiliares essa pesquisa tinha em primeira posição a questão de verificar se existem ou não lacunas na formação dos professores de ensino técnico para o uso dos letramentos e multiletramentos. Nesse ponto, há um gargalo, principalmente, no que tange ao entendimento de que o professor especialista tem do trabalho de um professor de línguas. É importante tentar aproximar essas duas pontas de atuação de professores, principalmente referente à apropriação do conhecimento do aluno. Quando o trabalho do professor de línguas está muito distante do trabalho do professor especialista no ensino técnico, pode haver uma desconexão ou desentendimento da importância da aula de línguas dentro do curso técnico, por parte do aluno. Este é um ponto que precisa de aprofundamento e estudos adicionais para entender tanto como o aluno quanto o professor não de línguas, entendem a importância das linguagens para composição do currículo do ensino profissional.

O último objetivo auxiliar da pesquisa buscava pontuar as deficiências ou qualidades do processo educacional em relação à concepção de eventos de letramento adequados à melhoria das habilidades de leitura e escrita de seus alunos.

Ao analisar as atividades proporcionadas pelos professores especialistas pôde-se verificar uma diversidade de exploração de gêneros textuais em suas atuações, principalmente falas como oferta de “aulas e atividades práticas”. Nesta vertente, propõe-se aprofundamento de estudo para verificar o quão alinhadas as teorias de multiletramentos, utilização de

Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e metodologias ativas no ensino técnico se confundem ou como podem se entrelaçar e proporcionar um aprendizado ativo na educação profissional. É importante ressaltar que é possível encontrar estudos sobre metodologias ativas e uso de TIC's na educação profissional, porém focados no aperfeiçoamento dos multiletramentos, parece ser uma via inédita de abordagem desse tipo de pesquisa, já que não se localizou uma pesquisa sequer que abordasse os multiletramentos no ensino profissional em busca no portal da CAPES. Atrelar o aprendizado e aperfeiçoamento da linguagem nas práticas de metodologias ativas pode ser uma forma de proporcionar essa formação ao professor especialista do ensino técnico.

As reflexões, apresentadas nos capítulos desta pesquisa, encaminham para a resposta da pergunta de pesquisa deste estudo: O professor de disciplinas do núcleo técnico considera os letramentos e multiletramentos como ferramenta para aprimoramento de sua atuação em sala de aula?

De fato, os professores não consideram os letramentos e multiletramentos em sua atuação em sala de aula, mas não por falta de vontade e intuição. Os professores consideram o uso da linguagem tanto na oralidade quanto na escrita uma ferramenta essencial para a apropriação do conhecimento pelo alunado, porém ainda consideram a sua atuação deslocada da atuação dos professores de língua materna, já que ao que parece, o professor de língua materna detém o conhecimento total da linguagem, na visão destes professores.

Romper essas barreiras entre áreas técnicas e linguagens parece ser o ponto primordial para a obtenção de um trabalho efetivo de fomento aos letramentos e multiletramentos na educação profissional. Para isso, é necessário um esforço dos atores que compõe o processo educacional do ensino técnico para desenvolver eventos de letramento capazes de ressignificar a linguagem nas salas de aula do ensino profissional. Trabalhar os eventos de letramento no ensino profissional através de projetos interdisciplinares é o melhor caminho para aprimoramento da linguagem dos alunos desses cursos. Como já dito na discussão dos resultados, Lima (2018) já apontou a dificuldade que professores de linguagem encontram em trabalhos interdisciplinares e, já foi visto amplamente ao longo desta pesquisa que a concepção de eventos de letramento se dá pela prática social, então, sugere-se o envolvimento dos professores de linguagem em conjunto com os professores especialistas em áreas técnica, através justamente da elaboração e do trabalho de atividades de e projetos interdisciplinares.

Cumpramos ressaltar que o objetivo deste estudo é pontuar as deficiências e qualidades na concepção de eventos de letramento e multiletramentos e tendo em vista o indicado no parágrafo anterior, considera-se necessária a estruturação de formações docentes

multidisciplinares periódicas, envolvendo professores de língua materna bem como professores especialistas em diversas áreas técnicas a fim de proporcionar o intercâmbio de práticas de aprimoramento da linguagem nos diversos campos de atuação profissional.

O relato da professora Rachel explora o esforço que o hospital realizou para contratação do candidato que possuía outra língua materna. Quando os profissionais daquele hospital se utilizam de diversos instrumentos para aplicação de provas que correspondam à necessidade daquele candidato a fim de realizar uma análise apropriada do conhecimento técnico que ele detinha, é factível pontuar que estes profissionais do hospital já entendem as demandas de letramentos que a sociedade brasileira possui. Entender que um estrangeiro, mesmo sem dominar o idioma pode realizar atividades técnicas e se esforçar para quebrar essas barreiras que o idioma impõe parece ser um desafio, mas entender que essa dificuldade não o torna incapaz de exercer a atividade a que está sendo contratado vai ao encontro de todos os conceitos defendidos por Barton, Kleimann, Street, Soares, Delgado-Martins, Rojo que trabalham dos conceitos de letramento e multiletramentos, pensando na inserção do indivíduo na sociedade, bem como nas demandas que este indivíduo possui para transitar por esta sociedade.

A apropriação desta teoria pode ser o movimento que a escola profissional precisa tomar para ressignificar o ensino e a aprendizagem, bem como o domínio da linguagem com os alunos brasileiros, ou seja, que os professores entendam que eles, profissionais especializados em qualquer área do conhecimento fazem parte da construção de indivíduos cada vez mais conscientes da importância que o uso da linguagem seja escrita ou falada têm para o exercício das demandas sociais, com ou sem tecnologia.

É importante também entender que a tecnologia não é apenas uma tendência social, mas sim, que está cada vez mais presente na vida das pessoas, e o livre trânsito pelas mais diversas tecnologias vai demandar cada vez mais destes professores atitudes proativas de atuação em sala de aula para propiciar aos seus alunos as tão mencionadas em todas as entrevistas desta pesquisa, atividades práticas que segundo estes professores, ressignificam o aprendizado.

Em conclusão, esta pesquisa demonstra que os professores especialistas do ensino técnico sabem e entendem a necessidade de diversificar suas práticas em sala de aula, principalmente oferecendo gêneros textuais das mais diferentes fontes, porém, necessitam entender e serem preparados para trabalhar e sentirem-se parte do aprimoramento das práticas de linguagem que os letramentos e os multiletramentos exigem dos indivíduos, principalmente na formação para o trabalho que é o objetivo principal das modalidades de educação em que o ensino técnico está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ostra Feliz não faz Pérola**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. – 56 ed. Revista e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BANCO MUNDIAL. **PIB a precios actuales**: datos sobre las cuentas nacionales del Banco Mundial y archivos de datos sobre cuentas nacionales de la OCDE. Disponível em <https://datos.bancomundial.org/indicador/ny.gdp.mktp.cd?year_high_desc=true> . acesso em 07 jan 2019
- BAUER, Martin. W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. [tradução de Pedrinho A. Guareschi]. – 7 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação (1997). Parecer CNE/CEB nº 2, de 1997. Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio.
- BRASIL. Ministério da Educação (2012). Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.
- BRASIL. Ministério da Educação (2018). Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 07 set. 2019.
- BARTON, David. **Literacy: an introduction to ecology of written language**. [tradução Guilherme Rios]. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. [tradução Sebastião Nascimento]. – 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2011.
- SOUZA, Centro Paula. **Sobre o Centro Paula Souza**. 2020. Disponível em: <<https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.
- CITELLI, Adilson. Educação em tempo de comunicação. In CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação**: linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 27-38.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2007.
- CORDÃO, Francisco Aparecido, LIMA, José Fernandes de Lima. **Desafios da educação profissional técnica de nível médio**. B. Tec. Senac. Rio de Janeiro, v,43, n1, p. 78-109, jan/abr. 2017. Disponível em <<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/viewFile/396/369>>. Acesso em 04 abr. 2019
- DALTON, Mary. M. **Critical Media Studies Volume IV**: Student Essays on Education and Popular Culture. – North Carolina: Library Partners Press, 2017.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel, RAMALHO, Glória, COSTA, Armanda. **Literácia e**

Sociedade: Contribuições pluridisciplinares. – Lisboa: Caminho, 2000.

DELORS, Jacques. **Educação:** um tesouro a descobrir. – 7. Ed. Revisada – São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2012.

ELINET. **European Declaration of the Right to Literacy** (Full version). ELINET, 2016. Disponível em <http://www.elinet.eu/fileadmin/ELINET/Redaktion/user_upload/European_Declaration_of_the_Right_to_Literacy2.pdf>. Acesso em 04 mar 2019.

FORD, Martin. **Os robôs e o futuro do emprego** [tradução Cláudia Gerpe Duarte]. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Best Business, 2019.

FORUM, World Economic. **Jobs of Tomorrow:** Mapping Opportunity in the New Economy. 2020. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_Jobs_of_Tomorrow_2020.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. [tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa, Gênese Andrade]. – 4. Ed. 8. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

GASQUE, Kelly Cristine Gonçalves. **Letramento Informacional:** pesquisa, reflexão e aprendizagem – Brasília : Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2012. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13025>>. Acesso em 15 fev. 2019.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. **Os leitores de Machado de Assis:** o romance machadiano e o público de literatura no século 19 – Universidade Estadual de Campinas, SP (s.n.), 2001. Disponível em <file:///C:/Users/paula/Downloads/Guimaraes_HeliodeSeixas_D.pdf>. Acesso em 06 abr 2019.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal. **Sociologia da Leitura.** Tradução de Mauro Gama. – Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

INAF. **INAF:** Estudo Especial sobre Alfabetismo e o Mundo do Trabalho. 2016. Disponível em <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudos_Especiais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf>. Acesso em 25 jan 2020.

INAF. **INAF BRASIL 2018:** resultados preliminares. 2018. Disponível em , <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf>. Acesso em 25 jan 2020.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** *EduNisc*, v. 32, n. 53 (2007). Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>> Acesso em 05 mar 2019.

LAET, Paula Almeida Morato de et al.. **O letramento na educação profissional técnica de nível médio:** uma revisão da produção acadêmica. In. XIV Workshop de Pós-graduação e Pesquisa do Centro Paula Souza: Tecnologia, inovação e sustentabilidade: 50 anos de Cursos de Tecnologia no Brasil., São Paulo, 08 - 11 de Outubro de 2019, p.251-260. Disponível em: <<http://www.pos.cps.sp.gov.br/files/artigo/file/598/863b4068dd96ef9d539d436318e4ecff.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

LIMA, Rodrigo da Silva. **Gêneros textuais no contexto da educação profissional: diretrizes para o ensino.** 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1ez-6jrlrRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6/view>>. Acesso em 06 abr. 2019.

MANYIKA, James. **Technology, jobs, and the future of work.** McKinsey Global Institute, 2017. Disponível em <<https://www.mckinsey.com/featured-insights/employment-and-growth/technology-jobs-and-the-future-of-work>>. Acesso em 03 jan. 2019>. Acesso em 29 jan. 2020.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. **Ócio, lazer e tempo livre: enfoques para o desenvolvimento humano. Lazer no Brasil: Grupos de pesquisa e associações temáticas.** p.290-299. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MARTINS, Dileta Silveira, ZILBERKNOP, Lubia Scliar. **Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT.** – 25. Ed. – São Paulo: Atlas, 2004.

MELO NETO. José Cabral. **Morte e Vida Severina e Outros Poemas.** 1. Ed. – Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

MENINO, Sérgio Eugenio. **Educação Profissional e Tecnológica na Sociedade do Conhecimento.** – São Paulo: Centro Paula Souza, 2014.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. **R150 - Recomendación sobre la formación profesional,** 1975 (núm. 117). Disponível em <https://www.ilo.org/dyn/normlex/es/f?p=1000:12100:13028305624127::NO::P12100_SHO W_TEXT:Y:>>. Acesso em 02 mar 2019.

ONU. **Brasil mantém tendência de avanço no desenvolvimento humano, mas desigualdades persistem.** ONUBR, 2018. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/brasil-mantem-tendencia-de-avanco-no-desenvolvimento-humano-desigualdades-persistem/>> Acesso em 07 jan 2019.

PACHECO, Eliezer. **Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio: proposta de diretrizes curriculares nacionais.** – São Paulo: Editora Moderna, 2012. Disponível em <<http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/06/Perspectivas-da-EPT.pdf>>. Acesso em 06 abr. 2019.

PETEROSI, Helena Gemignani. **Subsídios ao Estudo da Educação Profissional e Tecnológica.** 2. ed. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2014. (Coleção Fundamentos e Práticas em Educação Profissional e Tecnológica, v. 1)

PETEROSI, Helena Gemignani, MENINO, Sérgio Eugenio. **A formação do formador.** – São Paulo: Centro Paula Souza, 2017.

PEDRETTI, Roseli Garcia. **A prática docente e a compreensão de textos na educação profissional: o letramento informacional como suporte.** 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2017.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** (tradução de Celina Olga de Souza) – São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** (tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini) – São Paulo: Editora 34, 2010.

PINHEIRO, Otávio. **Nunca se escreveu tanto, tão errado e se interpretou tão mal: Saber ler**

e interpretar é questão de sobrevivência e amplia nossos horizontes. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/07/nunca-se-escreveu-tanto-tao-errado-e-se-interpreto-tao-mal.shtml>>. Acesso em: 01 set. 2019.

QUEIROZ, Rachel. **As três Marias**. – 1ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

QUINELATO, Rosângela. **Unicamp 2020::** confira o tema da Redação. 2020. Disponível em: <<https://www.blogdovestibular.com/vestibular-2020/tema-redacao-unicamp-2020.html>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. – 3. ed.; 4. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RIBEIRO, Vera Masagão *et al.* – **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. – 2ed. – São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, Vera Masagão *et al.* - **Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF** – 1ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIOS, Guilherme. **Linguagem e Alfabetização de Adultos: uma perspectiva crítico-ideológica**. BOCC. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rios-guilherme-linguagem-e-alfabetizacao-de-adultos.pdf>>. Acesso em 02 set 2018.

RIOS, Guilherme. Representações discursivas do letramento em contextos locais: entre discursos dominantes e dominados. In: **Contribuições da análise de discurso crítica no Brasil: uma homenagem à Izabel Magalhães**. Campinas: Pontes Editora, 2013.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. – São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane, BARBOSA, Jacqueline. **Hiperconectividade, multiletramentos e gêneros discursivos**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane, MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

STREET, Brian. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. [tradução Marcos Bagno]. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández, LUCIO; Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc, Campinas, v. 28, n. 101, p.1287-1302, 2007. Set./dez.. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE PESQUISA

A pesquisa será operacionalizada através de entrevista oral que deverá ser conduzida pela pesquisadora. Ao iniciar a entrevista, a pesquisadora preencherá juntamente com o entrevistado o formulário abaixo para identificar o perfil desse indivíduo:

Data:

Entrevistado: _____ Coordenador de curso: () sim () não

Idade:

Formação Acadêmica:

Componentes que leciona:

Tempo de experiência no mercado de trabalho (não lecionando):

Tempo de experiência na docência:

Após a ficha de perfil estar preenchida, será iniciada a entrevista de acordo com o roteiro abaixo indicado.

O que você pensa da afirmação: 45% dos alunos brasileiros terminam o ensino médio em condição de alfabetismo funcional?

Como você utiliza atividades de leitura, interpretação de textos e produção escrita em suas aulas? Como as avalia?

Você orienta seus alunos a aprimorar seus textos (acentuação, coesão, coerência)?

Você acredita que seu aluno tem dificuldade ou facilidade em procurar informações para as pesquisas pedidas? Ele interpreta adequadamente as informações que localiza realizando bons trabalhos de pesquisa?

* Sempre que possível pedir para o entrevistado ilustrar sua fala com exemplos e casos.